

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Faculdade de Comunicação e Artes

André Tolomelli Cardoso de Sousa

**ANÁLISE DA COBERTURA TELEVISIVA DO VELÓRIO DAS VÍTIMAS DO
VOO FATAL DA CHAPECOENSE SOB A ÓTICA DE ESPETACULARIZAÇÃO E
ESTRATÉGIAS NARRATIVAS**

Belo Horizonte

2020

André Tolomelli Cardoso de Sousa

**ANÁLISE DA COBERTURA TELEVISIVA DO VELÓRIO DAS VÍTIMAS DO VOO
FATAL DA CHAPECOENSE SOB A ÓTICA DE ESPETACULARIZAÇÃO E
ESTRATÉGIAS NARRATIVAS**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ércio do Carmo Sena Cardoso

Belo Horizonte

2020

André Tolomelli Cardoso de Sousa

**ANÁLISE DA COBERTURA TELEVISIVA DO VELÓRIO DAS VÍTIMAS DO
VOO FATAL DA CHAPECOENSE SOB A ÓTICA DE ESPETACULARIZAÇÃO E
ESTRATÉGIAS NARRATIVAS**

Monografia apresentado ao Curso de Graduação em
Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel em Jornalismo.

Prof. Ércio do Carmo Sena Cardoso – PUC Minas (Orientador)

Prof. Enaldo Souza Lima Ribeiro – PUC Minas (Banca Examinadora)

Profa. Juliana Magalhães e Ribeiro Gusman – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 02 de dezembro de 2020

*A minha família, que sempre esteve ao meu lado me apoiando ao longo de toda a
minha trajetória.
Ao meu orientador, Prof. Ércio Sena, que tornou possível a realização deste trabalho.*

RESUMO

O acidente de avião que vitimou grande parte da delegação da Associação Chapecoense de Futebol junto com alguns profissionais da mídia causou grande comoção nacional. O velório dessas vítimas, organizado para ser feito no estádio do time e com ampla cobertura televisiva, contribuiu para a exposição da emoção de amigos e familiares em momentos de dor e sofrimento. Por meio deste trabalho, pretende-se analisar criticamente essas coberturas de modo a investigar as estratégias narrativas utilizadas para a construção do discurso das emissoras. A análise será feita por meio do estudo bibliográfico das técnicas narrativas do jornalismo e sua relação com determinados momentos das coberturas, fazendo uso da análise de conteúdo como metodologia e contribuindo para a reflexão sobre o papel do jornalismo na cobertura deste tipo de tragédia.

Palavras-chave: Acontecimento. Espetacularização. Esporte. Televisão. Jornalismo.

ABSTRACT

The plane crash that killed a large part of Associação Chapecoense de Futebol's delegation together with some media professionals caused great national commotion. The funeral of these victims, organized to be held at the team's stadium and with extensive television coverage, contributed to the exposure of the emotion of friends and family in moments of pain and suffering. Through this essay, I intend to critically analyse those coverages in order to investigate the strategies used to build the stations' discourse. The analysis will be done through the bibliographic study of the narrative techniques of journalism and its relation to certain moments of the coverages, making use of content analysis as a methodology and contributing to the reflection on the role of journalism in covering this type of tragedy.

Keywords: Event. Spetacularization. Sport. Television. Journalism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1 – TRAJETO DO CORTEJO FÚNEBRE.....	47
FIGURA2 – ILAÍDES (MÃE DO GOLEIRO DANILO) ABRAÇA O REPÓRTER GUIDO NUNES EM ENTREVISTA	55
FIGURA3 – EMOCIONADOS, FAMILIARES SE REÚNEM EM VOLTA DE UM CAIXÃO NO VELÓRIO DA ARENA CONDÁ	61
FIGURA4 – SETOR DO GRAMADO DO ESTÁDIO ONDE FORAM COLOCADOS OS CAIXÕES	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONSTRUÇÃO DE NOTÍCIAS NO JORNALISMO	11
2.1 Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia	12
<i>2.1.1 A noticiabilidade do acidente aéreo</i>	19
2.2 O acontecimento no jornalismo	20
3 AS NARRATIVAS E A ESPETACULARIZAÇÃO	28
3.1 As narrativas no telejornalismo	29
<i>3.1.1 As narrativas televisivas</i>	31
3.2 A espetacularização no jornalismo	35
<i>3.2.1 A espetacularização do velório da Chapecoense</i>	41
4 METODOLOGIA	43
5 A TRANSMISSÃO DO VELÓRIO COLETIVO	45
5.1 O evento	47
5.2 A construção da narrativa	49
<i>5.2.1 O forte vínculo com a cidade e seus habitantes</i>	51
<i>5.2.2 A união Brasil/Colômbia e o apoio às famílias</i>	54
<i>5.2.3 A humildade do clube e de seus jogadores</i>	56
<i>5.2.4 O ufanismo presente em uma tragédia nacional</i>	58
5.3 As estratégias de espetacularização	59
5.4 A participação dos jornalistas na cobertura	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2016 foi marcante em vários aspectos para a Associação Chapecoense de Futebol. O clube, que havia protagonizado uma arrancada da quarta para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro em um período de quatro anos embarcava rumo à sua primeira decisão de um campeonato internacional, a Copa Sulamericana daquele ano, para enfrentar o Club Atlético Nacional, da Colômbia.

Na madrugada do dia 29 de novembro de 2016, o Brasil recebeu a triste notícia de que o avião que levava a equipe para o jogo mais importante de sua história havia caído pouco antes de aterrissar no aeroporto de Medellín. De acordo com o portal de notícias G1 (2016a), foram 71 vítimas no total. O Estadão (2016) publicou, em seu portal, o perfil das pessoas que estavam no avião: 22 jogadores, o técnico da equipe, 12 membros da comissão técnica (incluindo auxiliares, preparadores e assessores), 12 dirigentes, 21 jornalistas e nove tripulantes. Desses, apenas seis sobreviveram: três jogadores, um jornalista e dois membros da tripulação.

No dia 3 de dezembro de 2016, foi sediado um velório coletivo de algumas das vítimas da tragédia na Arena Condá, estádio em que a Chapecoense joga suas partidas. De acordo com o G1 (2016b), 50 vítimas foram veladas no gramado da Arena Condá naquela tarde. A comoção nacional gerada pelo acidente fez com que o velório tivesse grande apelo popular na mídia e fosse transmitido ao vivo, como um plantão jornalístico, por algumas emissoras do país. Também foi permitida a presença de torcedores do clube e demais pessoas que tinham a intenção de prestar suas condolências às vítimas nas arquibancadas do estádio.

Diante da imensa comoção e da repercussão do acidente no cenário esportivo brasileiro daquele ano, foi possível perceber uma escolha de imagens que indicaram a grandiosidade do evento, acentuando-se o ineditismo do acontecimento na transmissão da cerimônia pela televisão. Famílias e profissionais da imprensa foram expostos em rede nacional durante momentos de emoção e luto pela perda de seus entes queridos, o que levou ao seguinte questionamento: houve, de fato, uma ótica espetacularizada nas coberturas do velório?

Para responder a pergunta, a presente monografia analisará as coberturas do velório feitas pela TV Globo e pelo SporTV, buscando investigar as estratégias narrativas presentes nelas. As transmissões foram selecionadas pelo fato de estarem disponíveis na íntegra no YouTube.

Para tanto, a pesquisa tem como objetivos específicos: aprofundar o estudo sobre narrativas jornalísticas; identificar e analisar as estratégias presentes nas coberturas de Globo e SporTV e refletir sobre a ética jornalística e a espetacularização no âmbito do jornalismo televisivo.

Parte-se da hipótese de que as transmissões adotaram estratégias narrativas espetacularizadas para atrair a audiência, fazendo com que os telespectadores se relacionassem diretamente com o acontecimento.

A metodologia do trabalho partiu de estudos bibliográficos sobre os conceitos de acontecimento e valores-notícia no jornalismo, passando também por discussões sobre as narrativas jornalísticas e a espetacularização. As duas transmissões selecionadas foram analisadas por meio da análise de conteúdo para que fosse possível identificar a presença dos diferentes tipos de narrativa.

O primeiro capítulo do trabalho trata da construção de notícias no jornalismo, explorando os conceitos de acontecimento, critérios de noticiabilidade e valores-notícia. As teorias de alguns autores sobre o processo de construção das notícias foram agrupadas para que se possa refletir sobre seus surgimentos. É feita uma relação entre os critérios apresentados e um acidente aéreo para ilustrar como tal acontecimento se encaixa como interessante aos olhos do público.

No segundo capítulo, são abordados os conceitos de narrativas jornalísticas e espetacularização, passando por uma breve reflexão sobre os aspectos do meio televisivo que favorecem tais narrativas e elementos espetacularizados. Ao fim, é feita uma breve reflexão sobre os aspectos que podem caracterizar o velório da Arena Condá e suas transmissões como espetáculos.

Após a definição da metodologia, faz-se a análise das coberturas por meio da identificação e reflexão crítica dos elementos presentes nas duas transmissões. Determinadas falas e imagens das coberturas serão selecionadas por sua capacidade de ilustrar e exemplificar as discussões trazidas nos capítulos anteriores.

Ao final, conclui-se que os objetivos da pesquisa são alcançados e que há a confirmação da hipótese trazida inicialmente, o que indica a necessidade de reflexões sobre o papel ético do jornalismo o que vai de encontro a este tipo de cobertura.

2 CONSTRUÇÃO DE NOTÍCIAS NO JORNALISMO

Ao longo da história e do desenvolvimento das sociedades e tecnologias, o fazer jornalístico precisou se adaptar às novas realidades para, além de se manter relevante, ser rentável de modo que possa alcançar e aumentar seu público consumidor. À medida que a sociedade foi se adaptando às mudanças e novas realidades do mundo, o jornalismo teve a necessidade de elaborar novas abordagens e fazer uso de diferentes plataformas para que a disseminação de sua mensagem fosse otimizada, recebida e compreendida de maneira mais simples pelo público.

Os meios de comunicação sofreram grandes mudanças no decorrer do século XX: a explosão da imprensa de grande tiragem, a popularização do rádio e, mais tarde, da televisão fizeram com que essas plataformas ganhassem o status de meios de comunicação de massa, sendo capazes de alcançar grandes públicos, em diversos lugares e ao mesmo tempo. Essa nova era da comunicação causou grandes impactos na sociedade em geral, fazendo com que diversas camadas profissionais se adaptassem a essa nova forma de disseminação de informação e entretenimento.

No início do século XXI, a internet apareceu como a tecnologia com maior potencial de uso dos meios de comunicação. Com a popularização de computadores e redes digitais, sua maior inovação foi transformar o modo em que a comunicação era feita até então: a emissão de mensagens deixa de ser de um (o veículo) para muitos (os leitores, ouvintes ou telespectadores), permitindo que os receptores da mensagem possam interagir entre si. O conceito de “mídia” ganha força no lugar de “comunicação de massa”, sendo a mídia um modo de englobar os velhos e novos meios de comunicação utilizados para se transmitir informações e criar imagens. Para França (2012):

Mídia se torna um conceito abrangente, uma expressão que significa várias coisas: instrumento, espaço, sujeito. Funciona como instrumento, ou dispositivo, por meio do qual se pode criar linguagem, formatar e veicular produtos. Constitui também um novo espaço de troca, de convivência, de consulta, de convocação; um espaço de encontro e de circulação, como o são a rua, a praça, os estádios, os cafés, os bares. E atua ainda como um novo sujeito – quando percebemos que essa nova instância produz e configura um discurso próprio, e um lugar de fala possante e poderoso. (p.11).

Mesmo com o surgimento de novos formatos e adaptações, o jornalismo mantém sua principal característica desde os seus primórdios: a de relatar fatos de interesse público para a população. Vários artifícios narrativos podem ser utilizados para aproximar o leitor, ouvinte

ou telespectador da história a ser relatada, fazendo com que sua compreensão por parte do público seja facilitada. Mas o que garante que uma história consiga, de fato, chamar a atenção dos receptores? O que a torna de interesse público?

2.1 Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia

Os principais fatores que determinam se uma história deve ou não ser transformada em notícia são chamados de critérios de noticiabilidade. O conceito se relaciona diretamente com o interesse do público na história, que pode ser associado a diversos fatores que determinam sua importância para a sociedade. De acordo com Alves (2018), a definição de noticiabilidade está diretamente relacionada com o processo de seleção e construção noticiosa dos jornalistas.

Traquina conceitua a noticiabilidade como “conjunto de critérios e operações que fornecem aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia.” (TRAQUINA, 2008, p. 63, apud ALVES, 2018, p. 3-4). De acordo com Gislene Silva, a noticiabilidade pode ser definida como:

[...] todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2014, p. 52, apud ALVES, 2018, p. 4).

No decorrer dos anos, os critérios de noticiabilidade despertaram o interesse de pesquisadores do Brasil e do mundo. Com a evolução das técnicas e plataformas do jornalismo, foram elaboradas diversas listas de valores-notícia considerados importantes para a produção noticiosa ao longo da história, enumerando conceitos considerados importantes para transformar fatos em notícias. O artigo “Critérios de Noticiabilidade no Brasil e no Mundo”, de Jussara Borges Alves (2018) agrupa algumas dessas listas elaboradas por pesquisadores para compará-las.

No início do século XX, pouco depois da primeira guerra mundial, o escritor e jornalista americano Walter Lippmann provocou um marco nas pesquisas de jornalismo ao ser um dos primeiros a definir o conceito de notícia. Para Lippmann (2010 apud ALVES, 2018), uma série de eventos se torna notícia ao se fazer noticiável em um ato mais ou menos aberto, fazendo com que as notícias ocorram com mais facilidade quando um grande número de aspectos, denominados por ele como “valores informativos” é alcançado.

Na década de 60, os noruegueses Galtung e Ruge desenvolveram uma pesquisa que se tornou referência no campo da noticiabilidade. No artigo “A estrutura do noticiário estrangeiro – Apresentação das crises no Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros”, os autores foram capazes de sistematizar alguns fatores primordiais para a seleção noticiosa. São eles: frequência, amplitude, intensidade absoluta, aumento de intensidade, inequivocidade, significância, proximidade cultural, relevância, consonância, predicabilidade, exigência, imprevisibilidade, impredicabilidade, escassez, continuidade, composição, referência a nações de elite, referência a pessoas de elite, referência a pessoas e referência a algo negativo (GALTUNG; RUGE, 1993 apud ALVES, 2018)

Para os autores, assim como para Lippmann, quanto mais fatores determinado acontecimento apresentar mais chance ele terá de ser notícia. Esses fatores, que posteriormente seriam denominados valores-notícia, se tornariam base para a sequência de pesquisas no campo do jornalismo no mundo.

As pesquisas de Gans e Golding e Elliot estão entre as principais da década de 70. Golding e Elliot (1979 apud ALVES, 2018) partem do pressuposto de que os valores-notícia derivariam de suposições sobre a audiência, a acessibilidade e a adequação. A audiência seria levada em conta na produção de uma notícia pela capacidade do fato de ser considerado interessante, prender a atenção dos espectadores e ser entendido e aproveitado como algo interessante. No caso da acessibilidade, seriam levados em conta os fatores de importância e facilidade de cobertura: na importância, seriam procuradas a dimensão do evento conhecida pela empresa jornalística e suas características evidentes, enquanto na facilidade de cobertura seriam levados em consideração alguns aspectos técnicos da produção jornalística como, o evento estar disponível para jornalistas, em um formato acessível para uma cobertura e se ele é operável a nível técnico.

Além das suposições, a pesquisa dos autores resultou no agrupamento de 11 valores-notícia cuja existência seria provocada pela capacidade de avaliação do material e a percepção do público, sendo eles: drama, atrativos visuais, entretenimento, importância, magnitude, proximidade, brevidade, negatividade, novidade, elites e personalidades.

Gans (2004, apud ALVES, 2018) organiza os valores-notícia em topicais e duradouros: os topicais estariam expressos em atividades do momento (como opiniões na televisão) e os duradouros perdurariam por um longo período de tempo. Os valores duradouros, por sua vez, seriam classificados em mais oito grupos: etnocentrismo, democracia altruística, capitalismo responsável, pastoralismo de pequena cidade, individualismo, moderantismo, ordem social e liderança nacional.

Somado a isso, os valores-notícia apresentados pelo autor se organizariam em mais três categorias, sendo elas as considerações substantivas, considerações do produto e considerações competitivas. As histórias presentes nas considerações substantivas estariam de acordo com critérios como magnitude e atualidade, que a tornariam importantes ou interessantes para o público. As considerações relativas ao produto organizariam-se em meio, formato, qualidade e equilíbrio e as considerações competitivas levariam em consideração a concorrência como controle de qualidade do produto.

O italiano Mauro Wolf, na década de 80, estruturou as reflexões de Golding e Elliot e Gans como base para organizar sua classificação de valores-notícia. Para Wolf (2008 apud ALVES, 2018), os critérios de noticiabilidade podem ser observados como:

[...] critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente” (WOLF, 2008, p. 202, apud ALVES, 2018, p. 9).

Com base na sua definição dos critérios de noticiabilidade, Wolf classifica os valores-notícia tendo como base a aplicação rápida e eficiente dos critérios, se aproximando das ideias de Gans e analisando os valores-notícia como a qualidade do evento, remetendo a Golding e Elliot. De acordo com o autor, os valores-notícia derivam do conteúdo subjetivo das notícias, dos critérios relativos ao produto, do público e da concorrência (WOLF, 2008 apud ALVES, 2018).

Nos anos 90, Shoemaker e Reese (1996 apud ALVES, 2018) acrescentam à discussão outro elemento que contribui para a compreensão dos valores-notícia: as influências do sistema social. De acordo com os autores, os valores-notícia contribuem para a construção de uma história a partir de escolhas consistentes relacionadas à notoriedade, interesse humano, conflito, incomum, pontualidade e proximidade.

A notoriedade ou importância de uma história seria medida pela quantidade de vidas afetadas por ela, o que faria com que as fatalidades ganhassem destaque em relação aos danos materiais. Nesse caso, como exemplificado pelos autores, as ações de pessoas poderosas possuiriam maior poder de noticiabilidade por afetarem o público geral (SHOEMAKER; REESE, 1996 apud ALVES, 2018).

Mesmo que a quantidade de vidas afetadas seja determinante para se definir o valor de uma notícia de acordo com a notoriedade, nem sempre as pessoas se interessam apenas pelas coisas que possuem efeitos diretos em suas vidas. O interesse humano é assim explicado, pois

histórias com elementos humanos (muitas vezes a vida de celebridades e fofocas políticas) são mais fáceis de serem relacionadas com as vivências do espectador, provocando neles este tipo de interesse. Como exemplo, os autores utilizam os jornais televisivos, que exemplificam assuntos por meio das pessoas afetadas: os personagens.

A presença de personagens não é a única ferramenta que pode ser utilizada para atrair o interesse do público, de acordo com os autores, os conflitos e polêmicas são essencialmente mais interessantes que os momentos de harmonia, partindo do pressuposto de que a maioria das coisas são harmônicas e atraem o interesse do público quando esta harmonia se rompe. O incomum pode ser relacionado de maneira semelhante: a partir do momento que supomos que os eventos do dia seguem uma linearidade, a exceção dessa regra gera a curiosidade sobre o assunto (SHOEMAKER; REESE, 1996 apud ALVES, 2018).

A pontualidade se relaciona diretamente com a natureza da notícia de ser algo novo, imediato e que rompe com o usual. Eventos em tempo adequado, além de atraírem mais a atenção do público, são mais propícios a serem cobertos por uma empresa jornalística.

Como último dos conceitos pontuados por Shoemaker e Reese (1996 apud ALVES, 2018), a proximidade se torna importante para a notícia pelo fato de eventos locais possuírem mais efeitos diretos na vida da população que os distantes. A proximidade pode ser relacionada com a notoriedade e a pontualidade para tornar um acontecimento próximo mais noticiável.

Os anos 2000 foram importantes para as pesquisas e estudos sobre critérios de noticiabilidade no Brasil. Franciscato (2003, apud ALVES, 2018) defendia uma relação direta entre a atualidade no jornalismo e os critérios de noticiabilidade, afirmando que esses critérios acentuam aspectos isolados de um fato e funcionariam como referência para seu reconhecimento e delimitação. De acordo com o autor, a notícia é resultado de um processo de seleção noticiosa construída a partir de elementos internos e externos ao evento, sendo estes os critérios de noticiabilidade.

Silva (2014 apud ALVES, 2018) se aproximou dos conceitos de Wolf (1985 apud ALVES, 2018) classificando os valores-notícia como um conceito específico que pertence ao conceito mais amplo de noticiabilidade. Para a autora, os critérios se organizariam em três instâncias: na origem (considerando atributos próprios reconhecidos pelos profissionais da imprensa), no tratamento (seleção dos fatos levando em conta fatores organizacionais e extra-organizacionais) e na visão (levando em conta valores éticos e filosóficos do jornalismo).

Para Traquina (2008 apud ALVES, 2018), os valores-notícia organizam-se em valores de seleção, dividindo-se em substantivos, contextuais e valores de construção:

Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois grupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (TRAQUINA, 2008, p. 78, apud ALVES, 2018, p. 15).

Ainda nos anos 2000, os britânicos Tony Harcup e Deidre O'Neill (2001 apud ALVES, 2018) revisitaram as pesquisas de Galtung e Ruge e propuseram uma nova lista de valores-notícia tendo como base as mudanças no processo comunicacional provocadas pela expansão da internet e a utilização das redes sociais. De acordo com os autores, os principais valores-notícia desse contexto seriam exclusividade, notícias negativas, conflito, surpresa, audiovisual, capacidade de compartilhamento, entretenimento, drama, continuidade, a elite de poder, relevância, amplitude, celebridade, notícias positivas e pauta da organização jornalística.

Dos valores-notícia citados, alguns ganham notoriedade por não terem sido abordados por outros autores até então, sendo eles o audiovisual e a capacidade de compartilhamento. A importância desses critérios se dá pela existência de mudanças organizacionais do jornalismo nos tempos modernos provocadas pela popularização das mídias digitais. Na internet, conteúdos que possuem fotografias ou vídeos impactantes chamam mais a atenção, fazendo com que sua capacidade de compartilhamento seja maior nas redes sociais e consequentemente facilitando sua disseminação pelo público.

A pesquisa de Harcup e O'Neill foi atualizada em 2016, já levando em conta um período mais forte das mídias digitais no jornalismo. Sua importância se relaciona diretamente com a época em que foi feita, pois nela os autores defendem que os critérios sofrem modificações ao longo do tempo por sofrerem influência de todos os âmbitos da sociedade, como social, político, econômico, ideológico, educacional e da cultura jornalística.

Levando em consideração as pesquisas apresentadas até então, pode-se notar que os critérios de noticiabilidade e valores-notícia, mesmo divergindo de acordo com a pesquisa de cada autor, se assemelham em algumas bases. A relevância da notícia para um público, assim como conflitos e notícias negativas foram, desde o início do século, objetos de análise para definir se um fato tinha ou não um valor jornalístico para ser divulgado. As mudanças da mídia no período também devem ser levadas em conta, pois a possibilidade de se explorar novos horizontes com a notícia impacta diretamente no interesse que ela gera no público.

Além disso, a relação entre os valores-notícia deve ser destacada. Como visto nas pesquisas, quanto mais valores-notícia um determinado acontecimento englobar, mais interesse ele terá do público, facilitando assim sua recepção.

Alves (2018), no artigo “Critérios de noticiabilidade no Brasil e no mundo”, faz uma relação entre as pesquisas dos autores citados até então para comparar os conceitos de cada um sobre os valores-notícia. Tratando da amplitude, conceito tratado por grande parte dos autores analisados, a autora faz uma divisão entre amplitude, amplificação e compartilhamento como diferentes denominações da mesma ideia:

Dessa maneira, podem-se considerar as denominações: amplitude – inerente ao evento; amplificação – por meio de recursos no processo de produção noticiosa, aumentar a capacidade de impacto do acontecimento. Cabe destacar que *shareability* (compartilhamento) é uma estratégia de concorrência e comercialização, por isso, este ocorre após o processo de produção, pois tem como principal objetivo, maior visibilidade do produto noticioso. (ALVES, 2018, p.24)

Levando em conta a clareza, a autora cita a pesquisa de Galtung e Ruge (1993 apud ALVES, 2018), que considera o rádio e alguns elementos do telégrafo para falar sobre a necessidade de se tratar um assunto de forma clara, com texto curto e em tempo hábil. De acordo com a autora, o conceito pode ser compreendido tanto no meio de seleção quanto de construção da notícia, agregando-se por meio da simplificação e da brevidade (ALVES, 2018).

A imprevisibilidade é citada pela autora como uma ruptura com o cotidiano que provoca a curiosidade e o interesse do público independente da sua proximidade. Por ser inerente ao evento, faz parte da seleção noticiosa e provoca relevância para o receptor. Outro valor-notícia de seleção seria o grau hierárquico, que prevê que um acontecimento que envolva uma pessoa ou nação de elite será mais interessante aos olhos do receptor.

Para Alves (2018), a personificação atua em parceria com a simplificação por sua capacidade de simplificar situações complexas com a utilização de personagens. O conceito de celebridade, citado por Harcup e O’Neill (2016 apud ALVES, 2018), também pode ser relacionado com essa capacidade de construir notícias a partir da personificação.

O drama, por sua vez, seria considerado tanto no processo de seleção quanto de construção da notícia. Acontecimentos dramáticos ou negativos já atraem o interesse do público por si só, mas uma construção textual ou audiovisual que amplifique sua dramaticidade pode também aumentar o interesse pela notícia. Esse valor pode se relacionar com o conflito, que desperta a curiosidade do público por romper com a harmonia social,

sendo por sua vez um elemento carregado de noticiabilidade considerado valor-notícia de seleção.

Para Alves (2018), a novidade é um valor relativo ao meio fundamental para a produção noticiosa. Ela provém da competição jornalística e da busca por exclusividade, podendo ser classificada como critério de seleção substantivo e relativo ao meio.

O entretenimento ou interesse pode ser considerado como critério de seleção e construção noticiosa, pois determinado assunto pode ser selecionado pelo interesse que desperta no receptor ou o interesse pode ser despertado a partir do processo de construção da notícia. Segundo Alves (2018), geralmente são inseridos aspectos que gerem uma distração para o público, provocando certo grau de leveza no receptor.

A proximidade ou significância pode ser observada tanto a partir do ponto de vista geográfico como do cultural. É um dos principais valores-notícia, tendo em vista que é citada em todas as pesquisas elencadas até então. Está presente tanto no processo de seleção quanto de construção noticiosa, pois as relações de proximidade podem ser geográficas (como um grande acontecimento em território nacional) ou culturais (sendo construída a partir do texto).

A continuidade e disponibilidade podem ser classificadas como valores de seleção. A primeira, citada pela maioria dos pesquisadores, pode estar presente tanto em eventos inesperados quanto em boas notícias, sendo um reflexo do jornalismo investigativo que busca informações a mais, fazendo com que o público se interesse pelo desenrolar dos fatos. A disponibilidade se refere à facilidade de cobertura de um determinado evento, se relaciona diretamente com a instituição jornalística e reflete suas dificuldades de cobertura.

A visualidade aparece como valor-notícia em pesquisas a partir da década de 70, tendo em vista a ascensão da TV como meio de comunicação de massa. É um valor presente tanto na seleção quanto na construção noticiosa, tendo em vista que se refere aos aspectos tecnológicos capazes de atrair o interesse do público e aos elementos visuais presentes durante a seleção das notícias. A visualidade também pode ser considerada um diferencial para fins de concorrência, pois um vídeo ou fotografia inédita fará toda a diferença de uma instituição para a outra, sendo, assim, capaz de atrair maior audiência. Concorrência que, por sua vez, pertence às exigências comerciais do jornalismo e se relaciona diretamente com a competitividade entre os veículos em relação à vendagem mais lucrativa.

Levando em consideração os valores-notícia e os critérios de noticiabilidade apontados pelos autores até então, pode ser feita uma relação entre estes conceitos e o tema da monografia.

2.1.1 *A noticiabilidade do acidente aéreo*

O acidente que vitimou grande parte da delegação da Associação Chapecoense de Futebol foi um dos principais acontecimentos do esporte no ano de 2016. A notícia de que, o avião que levava a equipe para disputar a primeira partida da final da Copa Sulamericana daquele ano havia caído pouco antes de aterrissar em um aeroporto em Medellín, na Colômbia, já era impactante por envolver dezenas de vidas, podendo assim ser relacionado com o conceito de notoriedade de Shoemaker e Reese (1996 apud ALVES, 2018) devido a quantidade de vidas afetadas pelo fato, dando ênfase para as vítimas fatais do acidente.

Além da notoriedade, a proximidade também se mostrou presente nesse determinado acontecimento. O acidente aéreo foi o que deixou mais vítimas fatais entre os que aconteceram no passado, e ocorreu com uma equipe do futebol nacional. A proximidade, como vista nos conceitos trabalhados pelos autores, não é apenas geográfica como também cultural: equipes de futebol de diversas partes do mundo se solidarizaram com a situação vivida pela Chapecoense, tendo em vista que algumas já passaram por situações semelhantes como o Torino, da Itália e o Manchester United, da Inglaterra.

Imprevisibilidade e drama também podem ser observados na situação analisada. O acontecimento gerou grande comoção nacional por ser algo totalmente inesperado, tendo em vista que, todos os anos equipes de futebol fazem viagens de avião e quase nunca passam por problemas graves. O drama se mostra na situação vivida pelos familiares e amigos dos passageiros do voo, que assim como o restante do país ficaram angustiados por notícias de possíveis sobreviventes da tragédia. Como visto na discussão proposta pelos autores, uma notícia ruim como a da queda do avião atraiu rapidamente o interesse do público de uma maneira geral, sendo que, mesmo as pessoas que não acompanhavam o futebol brasileiro ficaram comovidas com a forma que o acidente aconteceu.

A presença de personagens também pode ser notada no fato: os jogadores, como figuras públicas, eram conhecidos por grande parte do público que estava acompanhando o futebol brasileiro nos últimos anos. Além deles, seus familiares também se tornaram personagens com a repercussão gerada pela mídia em cima do acidente.

No velório da maioria das vítimas do acidente, realizado de maneira coletiva no estádio da Chapecoense e transmitido em rede nacional por grande parte das emissoras brasileiras, a figura de Ilaídes Padilha (mãe do goleiro Danilo, que veio a falecer com a queda do avião) se tornou uma das principais personagens da história criada a partir do acidente. Ilaídes já tinha sido entrevistada por algumas emissoras ao longo da semana e conquistou a

empatia do público pela força que estava demonstrando naquele tipo de situação. Se transformando numa personagem da narrativa sobre o acidente, Ilaídes se tornou um exemplo de força e superação para os telespectadores, causando a identificação dos mesmos com a história e dessa forma aumentando o interesse no seu desenvolver.

Como abordado na discussão proposta por Shoemaker e Reese (1996 apud ALVES, 2018), pode-se observar que os acontecimentos derivados do acidente da Chapecoense tiveram grande repercussão na imprensa brasileira e internacional pela grande quantidade de valores-notícia e critérios de noticiabilidade que os mesmos reuniram. As mídias digitais tiveram um papel importante nesta repercussão, pois foram, em grande parte, responsáveis pela rápida e eficiente disseminação de imagens e textos relacionados ao acontecimento, aumentando assim o interesse do público no fato.

2.2 O acontecimento no jornalismo

A palavra “acontecimento”, muito citada na sistematização da produção jornalística através dos critérios de noticiabilidade e valores-notícia, também é essencial para que se possa entender como uma determinada ocorrência adquire a importância necessária para ser considerada um fato de interesse público.

Para entender o impacto de uma informação e conseqüentemente sobre o que a torna interessante para quem a consome, é preciso refletir sobre o processo de transformação que um simples fato ou informação passa para se tornar uma notícia. De acordo com os dicionários da língua portuguesa, uma notícia é “uma informação a respeito de acontecimento ou mudança recentes, nova, novidade.”. No jornalismo, a definição de diversos autores se aproxima ao colocar o interesse do público e o conceito de “novidade” (mesmo que em pequenos traços) como suas principais características.

Para França (2012), o jornalismo se constrói em torno de acontecimentos. O conceito, muito presente no campo da história, norteia o jornalismo pelo fato de que o ofício constrói suas narrativas a partir de momentos marcantes da história. De acordo com a autora:

A tarefa do jornalismo é farejá-los, identificá-los, e então narrar. Nesse âmbito, a teoria do jornalismo desenvolve toda uma tipologia da notícia para definir e classificar o que é ou não é relevante, hierarquizando os fatos em função de sua importância, abrangência, impacto, interesse. Esses fatos que merecem ser noticiados seriam os “acontecimentos”. (FRANÇA, 2012, p.12).

O conceito de acontecimento se torna imprescindível para entender essa relação entre um simples fato e uma notícia. De acordo com França (2012), acontecimentos são fatos e ocorrências que merecem maior destaque por sua importância e seus impactos. Quéré (2005) acredita que, no decorrer de nossas vidas, nos deparamos com acontecimentos de diferentes naturezas e categorias: alguns ocorrem independentemente de nossas vontades e intenções, sendo assim imprevisíveis, e alguns que podem ter sua ocorrência provocada ou controlada por meio de objetivos estratégicos. Existem aqueles que, por sua importância, afetam diretamente outros acontecimentos e situações que nos sucedem e aqueles que não atribuímos muito valor e acabam passando despercebidos no nosso dia a dia.

De acordo com França (2012), os acontecimentos ganham destaque justamente pelo seu poder de afetar indivíduos, a coletividade e novos acontecimentos:

Inicialmente é importante lembrar que um acontecimento acontece a alguém, ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade. O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece. (FRANÇA, 2012, p. 13).

Para Quéré (2005), os acontecimentos mais importantes (e, conseqüentemente, marcantes) podem determinar rupturas e inícios tanto na vivência dos indivíduos como da sociedade. Os acontecimentos possuem o poder de afetar os seres, de modo que as situações vivenciadas ficam impregnadas de qualidades difusas que as individualizam.

Esse poder, contido nos acontecimentos de grande impacto, pode ser exemplificado por alguns fatos que ficaram marcados na história de países e sociedades. Os atentados de 11 de setembro, nos Estados Unidos, não só impactaram diretamente a vida dos indivíduos que presenciaram ou tiveram familiares, amigos e conhecidos mortos pelos ataques terroristas no país: toda a geopolítica mundial sofreu com os impactos dos atentados, que além de impactarem a economia global foram usados como pretexto para guerras, para reforçar a segurança em aeroportos e deixaram como legado a construção de uma imagem sobre o terrorismo muito mais clara aos olhos da sociedade do que era antes do ocorrido.

Outro exemplo de como os grandes acontecimentos são capazes de causar rupturas e inícios na vivência dos indivíduos é a onda de protestos e manifestações revolucionárias ocorrida em alguns países do norte da África e do Oriente Médio durante os anos de 2010 e 2012. A Primavera Árabe, como ficou conhecida, teve como sua principal característica a mobilização popular por meio da internet e das redes sociais e foi marcada pela derrubada de

alguns regimes ditatoriais nesses países. O poder do acontecimento pode ser percebido neste contexto quando ele (nesse caso os protestos contra regimes ditatoriais) acaba se disseminando por toda uma região com condições sociais parecidas, causando o surgimento de novos acontecimentos (mais protestos em diferentes países em relação à sua origem inicial).

O caso da Primavera Árabe causou tantas ramificações que seus impactos são diretamente sentidos e perceptíveis quase uma década depois dos primeiros acontecimentos. Enquanto, em alguns países, a população obteve sucesso no seu objetivo de derrubar o regime ditatorial em vigência, em outros deu-se palco à violentas guerras civis causadas pelos desdobramentos das manifestações iniciais, gerando crises humanitárias tanto no âmbito nacional quanto internacional. As guerras civis nesses países foram motivo para movimentos de emigração da população local, que por sua vez se tornou agravante da crise dos refugiados e imigrantes em países europeus.

Mesmo que algumas ramificações do acontecimento possam ser usadas para explicar seu impacto em acontecimentos futuros, não é possível dizer exatamente qual seu impacto no âmbito sociológico. Para Quéré (2005), o poder do acontecimento ainda não foi seguramente avaliado pelas ciências sociais de modo que seja possível dimensioná-lo na estrutura da experiência individual e coletiva de uma sociedade. De acordo com o autor, existem algumas razões que tornam difícil a compreensão do acontecimento pelas ciências sociais:

[...] Uma delas tem a ver com o fato de as ciências sociais tenderem a associar a ação a sujeitos movidos por razões de agir, por motivos ou por interesses, e menos a uma afeção por acontecimentos e por mudanças, nos objetos ou nas situações, no decurso da própria organização da experiência. Uma outra é que as ciências sociais apreendem, sobretudo, o acontecimento, como integrante da categoria do fato e recorrendo ao esquema da causalidade, hesitando em tratá-lo como um fenômeno de ordem hermenêutica. (QUÉRÉ, 2005, p. 60)

Tendo como base um artigo de Arendt (1953 apud QUÉRÉ, 2005), Quéré reflete sobre como tratar o acontecimento como um fenômeno de ordem hermenêutica. Segundo a autora, o acontecimento pode representar tanto um fim como um começo, sendo possível apreendê-lo pelos pontos de vista do entendimento e da ação. Sua ocorrência pode ser explicada como um encadeamento, onde ele é “um fim onde culmina tudo o que o precedeu” (QUÉRÉ, 2005, p. 60). Para Quéré (2005), o acontecimento pede para ser compreendido e não apenas explicado por causas, tendo ao mesmo tempo um poder de revelação capaz de fazer compreender as coisas, o colocando assim como um fenômeno de ordem hermenêutica.

França (2012) se aproxima das ideias de Quéré sobre o poder hermenêutico do acontecimento. De acordo com a autora:

[...] o acontecimento é instância de conhecimento – ele faz pensar, ele intriga, ele promove buscas e investigações. O acontecimento é dotado de um poder hermenêutico; é suscitador de conhecimento. É capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não-visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas (FRANÇA, 2012, p.13)

Os conceitos do acontecimento discutidos até então pelos autores podem ser ilustrados para melhor compreensão pelo tema desta monografia. O acidente aéreo que vitimou grande parte da delegação da Associação Chapecoense de Futebol foi um dos grandes acontecimentos do esporte brasileiro no ano de 2016. A equipe, que embarcou para disputar a primeira final internacional da sua história, não chegou ao seu destino final quando o avião se acidentou poucos minutos antes de chegar ao aeroporto de Medellín, na Colômbia. O acidente em si já representou uma ruptura com a rotina, sendo um fato inesperado: um acidente aéreo, por si só, já é algo pouco provável tendo em vista o grande número de aviões que decolam e aterrissam sem problemas a cada dia na aviação mundial, e teve seu fator de surpresa impulsionado por acontecer com um time de futebol que ia disputar o jogo mais importante de sua história.

O acontecimento afetou diversas camadas da sociedade envolvidas naquele contexto: os passageiros e tripulantes que perderam suas vidas na ocasião, os que sobreviveram ao desastre e passaram por graves complicações de saúde, a comunidade do futebol brasileiro que acompanhava de perto a inédita campanha da equipe na Copa Sulamericana daquele ano, os familiares das vítimas, a imprensa, entre outros. A grande comoção causada pelo acidente, perceptível pelas coberturas feitas pelos veículos de comunicação e reação de torcedores na internet e nas redes sociais se deve, em grande parte, a esse poder do acontecimento de impactar toda uma comunidade.

Seu impacto na comunidade também pode ser exemplificado pelo velório das vítimas realizado na Arena Condá, estádio de Chapecó onde a equipe catarinense realiza seus jogos como mandante. As arquibancadas do estádio foram ocupadas por milhares de torcedores e cidadãos chapecoenses que, envolvidos pelo impacto do acontecimento na comunidade, foram prestar as homenagens a aqueles que faleceram no acidente.

O poder hermenêutico do acontecimento também pode ser apontado a partir dos questionamentos e investigações que tiveram como ponto de partida o acidente. Como de praxe nos acidentes aéreos, foi feita uma investigação para saber qual o motivo da queda do

avião, o que futuramente seria apontado como uma pane seca (a falha do sistema de combustível que impede que o motor funcione corretamente) causada pela falta de combustível. As investigações também apontaram que o avião decolou com uma quantidade de combustível abaixo da determinada pela legislação, o que poderia ter causado a pane seca quando a aeronave precisou esperar pela autorização do aeroporto que havia dado prioridade de pouso a outro voo.

A capacidade de revelação do acontecimento fica clara ao analisarmos não só as investigações relacionadas ao acontecimento em específico, mas também outros que poderiam ter tido o mesmo fim. Algum tempo depois do acidente da Chapecoense, foi noticiado por alguns veículos de comunicação que a seleção argentina também havia contratado os serviços da LaMia para um voo entre Buenos Aires e Belo Horizonte, embarcando no mesmo avião que se acidentaria alguns meses depois com a delegação da Chapecoense à bordo, aterrissando com apenas 15 minutos de autonomia no tanque.

O acontecimento não causou impactos apenas no seu passado, mas também no seu futuro: o fretamento de voos por parte de equipes de futebol, comum em percursos mais longos, passou a ser fiscalizado de maneira mais rígida e ganhou um olhar de desconfiança por parte das equipes.

Os impactos causados nos meses posteriores ao acidente podem ser explicados por outra característica do acontecimento. De acordo com Quéré (2005), o acontecimento apresenta um caráter inaugural: ao produzir-se, ele é capaz de marcar ao mesmo tempo o fim de uma era e o início de outra. Para França (2012):

[...] o acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse. O desdobramento se vê comprometido. O acontecimento gera uma interrogação. (FRANÇA, 2012, p. 13).

A ruptura provocada pelo acontecimento pode, de acordo com Quéré (2005), ser relacionada com algumas reflexões de G.H. Mead (1932 e 1964 apud QUÉRÉ, 2005) sobre o tempo. Para Mead, o acontecimento nunca é inteiramente condicionado por suas causas (no passado) ou suas possibilidades (no futuro), sendo, assim, possível perceber sua descontinuidade apenas em um contexto de continuidade: quando um acontecimento se produz, seja qual for a sua importância, o mundo já não é mais o mesmo.

Em contrapartida, Quéré (2005) afirma que apesar da ocorrência de um acontecimento ser capaz de alterar as coisas no estado anterior do mundo, nem toda descontinuidade pode ser

atribuída a ele. Alguns acontecimentos são esperados e previstos, e, ainda assim, sua ocorrência é capaz de fazer emergir algo de novo.

Para Quéré (2005), os acontecimentos importantes são na maioria das vezes inesperados. Sua descontinuidade em relação aos outros pode exceder as capacidades previamente calculadas, rompendo com o encadeamento de atos e acontecimentos anteriores. Essa descontinuidade é capaz de impactar diretamente os indivíduos, fazendo com que eles se sintam afetados e surpreendidos pelos grandes acontecimentos e, assim, busquem encontrar relações com fatos anteriores, socializando as surpresas provocadas pelos acontecimentos e tentando reduzir as descontinuidades. O autor conclui:

Em suma, é preciso que o acontecimento ocorra, que ele se manifeste na sua descontinuidade e que tenha sido identificado de acordo com uma certa descrição e em função de um contexto de sentido, para que lhe possa associar um passado e um futuro assim como uma explicação causal. (QUÉRÉ, 2005, p. 61-62).

O fato de se manifestar na descontinuidade faz com que a associação do acontecimento com seu passado e seu futuro seja de difícil compreensão em um primeiro momento. De acordo com Quéré (2005), é necessário que o acontecimento se produza para que ocorra a possibilidade de inscrevê-lo num determinado contexto: a partir do momento em que se produz, o acontecimento começa a mostrar suas potencialidades e eventualidades pré-existentes. Sua descontinuidade explica a dificuldade de identificá-lo e compreendê-lo no primeiro momento, pois o acontecimento mostra uma ruptura na ordem das coisas, sendo de início impossível enquadrá-lo num encadeamento serial.

Os conceitos tratados até o momento enquadram o acontecimento em uma determinada ordem de fatores temporal. Vimos que o acontecimento, ao se manifestar na ruptura de uma série de eventos considerada previsível para a população, ressignifica tanto seu passado quanto seu futuro devido ao seu poder hermenêutico. A partir de sua ocorrência, a natureza social do ser humano potencializa o acontecimento e o faz reverberar nas camadas sociais, sendo, assim, capaz de fazer com que mais pessoas sejam capazes de refletir sobre ele, colocando-o nesta linha temporal.

Essa reverberação do acontecimento na sociedade contribui para outro de seus fatores mais importantes: sua segunda vida. Compreende-se a primeira vida do acontecimento como o momento de sua existência, em que ele demonstra sua ruptura do usual, causando surpresa na sociedade que tenta compreendê-lo através de sua reconstituição. A segunda vida do acontecimento ocorre quando o mesmo se transforma em narrativa, tornando-se um objeto

simbólico e, portanto, associado a outras representações (como outras imagens já vividas, já vistas, outras experiências e até a narrativa de terceiros) durante o processo de simbolização.

Baseando-se nos conceitos de Quéré (2012 apud FRANÇA, 2012), França (2012) explica a vida simbólica do acontecimento através da natureza humana:

Acontecimentos fazem falar; nós somos animais simbólicos, capazes o tempo todo de duplicar a nossa realidade a partir de construções imagéticas e representacionais. [...] Transformados em narrativas, os acontecimentos passam a existir também como discurso, representação. A primeira vida, nos lembra o autor, é da ordem existencial – trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração. A segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico. (FRANÇA, 2012, p. 14).

Ainda de acordo com a autora, as duas vidas do acontecimento coexistem: os acontecimentos não são marcados apenas por suas características intrínsecas (como um atentado terrorista ou um acidente de avião), mas também, por outras representações que são associadas ao acontecimento durante o processo de simbolização (como a imagem das Torres Gêmeas em chamas ou dos destroços do avião da LaMia no local do acidente). Assim como imagens, a realização simbólica do acontecimento pode remeter às vivências do indivíduo, relacionando-as com o acontecimento numa recursividade sem fim.

Tendo como ponto de partida a segunda vida do acontecimento, pode-se traçar uma ponte entre ele e a mídia para que sua forte relação com o meio midiático seja explicitada. Algumas teorias apontam o jornalismo e a mídia como reflexos daquilo que acontece, atribuindo à mídia um papel de divulgação de uma realidade que lhe seria exterior. Outras a colocam em uma posição de centralidade frente ao mundo, atribuindo uma capacidade de construção da realidade para a mídia e o jornalismo. De acordo com França (2012):

Para a perspectiva construtivista, é acontecimento aquilo que o jornalismo constrói como tal o que implica praticamente a supressão do acontecimento em sua dimensão existencial (na sua primeira vida). Não é o impacto do acontecimento que importa – ou sequer que ele aconteceu, mas a construção midiática em torno dele. [...] A televisão constrói uma realidade mais atraente e mais glamorosa em seus próprios estúdios. Acontecimentos “artificiais”, cenográficos, substituem a vida do dia a dia e das pessoas “reais”. (FRANÇA, 2012, p.15).

A mídia está cada vez mais presente no dia a dia da sociedade. A popularização dos meios de comunicação em massa e, em seguida, da internet, fizeram com que a mídia penetrasse a vida da população, sendo assim capaz de transmitir sua visão do acontecimento de maneira massiva.

A repercussão dos acontecimentos (sua segunda vida) se faz presente em quase todos os momentos de conexão do indivíduo com a mídia. Para França (2012), em certos momentos, essa segunda vida do acontecimento é tão transformadora que ela atua novamente como um acontecimento existencial (sua primeira vida), sendo capaz de se reverberar em uma espiral crescente. Dessa forma, a mídia se torna o nicho próprio para a criação de acontecimentos e sua repercussão.

O poder da mídia em criar e repercutir acontecimentos pode ser objeto de análise para algumas reflexões sobre qual o limite dessa influência em nossas vidas. Por meio da sua narrativa, os acontecimentos podem adquirir outros sentidos na sua “vida sensorial” e serem usados pela mídia das mais diversas maneiras, sendo elas as mais adequadas ou não do ponto de vista da ética jornalística.

3 AS NARRATIVAS E A ESPETACULARIZAÇÃO

Como visto no capítulo anterior, os acontecimentos e critérios de noticiabilidade são pontos de partida essenciais para se discutir a produção de notícias no jornalismo. Com a classificação da importância dos fatos através dos valores-notícia, é possível assumir o tamanho do impacto de determinado fato no público afetado por ele, permitindo assim uma produção noticiosa de maior relevância para o meio jornalístico.

Assim como tratado por Alves (2018), pode-se destringir a produção de notícias em diferentes âmbitos, sendo eles os processos de seleção e construção da notícia. Os conceitos de acontecimento e critérios de noticiabilidade podem ser agrupados nos processos de seleção, pois fazem parte do primeiro momento da produção noticiosa que busca identificar quais fatos possuem os critérios necessários para serem transformados em notícia.

O processo de construção da notícia, por sua vez, leva em consideração fatores técnicos da produção jornalística, sejam eles referentes ao veículo de comunicação (como, por exemplo, a capacidade de registrar imagens impactantes relacionadas ao acontecimento em uma cobertura feita por um telejornal) ou dos próprios profissionais da mídia (como as estratégias narrativas e discursivas utilizadas para relatar determinado fato).

As estratégias narrativas merecem destaque dentre os demais elementos do processo de construção das notícias por serem capazes de agregar diferentes valores à descrição de determinado acontecimento, transmitindo, assim, estes valores para o público e fazendo com que este público interprete o fato de outras maneiras. No âmbito das estratégias narrativas, pode-se apresentar conceitos importantes para o fazer jornalístico como o da mediação, que é importante para refletir sobre a influência que a mídia, por meio de seus relatos e narrativas, tem na vida da população que a consome.

Essa mediação, feita pelos veículos de comunicação, pode ser feita por diversos meios: o texto, a narrativa, o ângulo da cobertura e até mesmo as fontes ouvidas pelos telejornais podem ser inseridas de modo a reforçar o ponto de vista do veículo, sendo um processo implícito, que influencia diretamente seu público sem que ele perceba que está sendo diretamente influenciado por aquilo que consome.

A influência exercida pela mediação sob o público não é necessariamente feita para induzi-lo a um diferente pensamento, mas também pode ser feita para aumentar seu alcance, incrementando a história com certos elementos narrativos que motivam o público a se envolver com ela, dando notoriedade à determinada matéria ou cobertura e fazendo, assim, com que mais pessoas se sintam atraídas a consumir tal produto.

O exemplo que será utilizado neste capítulo para ilustrar o poder da mediação sob uma narrativa é o da espetacularização. Em uma sociedade mercantilizada como a atual, o espetáculo é transformado em produto, sendo comercializado para o consumo do público. O espetáculo está presente em todo lugar da sociedade, e é muitas vezes relacionado às estratégias narrativas como meio de alcançar determinado fim com o público que o consome.

3.1 As narrativas no telejornalismo

As diversas narrativas cumprem um papel essencial no fazer jornalístico desde os primórdios do jornalismo. Através do uso de diferentes narrativas, o jornalista pode fornecer ao público as informações necessárias que vão além dos significados imediatos de determinado fato, podendo também disseminar sentidos que ultrapassam o plano visível dos relatos, de modo a facilitar o entendimento do público sobre determinado acontecimento.

Por meio da adoção de um diferente tipo de linguagem e a veiculação de imagens, vídeos ou entrevistas, um jornalista pode agregar ao seu relato diferentes pontos de vista, que tanto colaboram para alcançar o público de uma maneira mais didática, opinativa ou descritiva quanto para adicionar a ele seu próprio ponto de vista e experiência mediante observação de determinado fato. A mediação está presente em todo tipo de relato, segundo Gouvêa (2015):

Não há que se falar em mediação como função essencial das notícias, pois uma vez que esses relatos vêm carregados de sentidos outros, que não exclusivamente os imediatos, elas atuam então como estruturadoras da realidade. Nem só de citações, números e porcentagens são feitas as notícias, mas de concepções de mundo, valores e modelos sociais que norteiam a atuação dos indivíduos (p.207).

Ainda de acordo com a autora, é através das mediações, dos sentidos e das construções simbólicas que as notícias se constituem como narrativas jornalísticas, trazendo em si não só as informações contidas no acontecimento como também um discurso do enunciador, que pretende transmitir ao público uma mensagem que sempre estará repleta de estratégias capazes de convencer o interlocutor com os seus argumentos.

Segundo Resende (2005), a mediação jornalística acontece na e através da narrativa, sendo tecidos para a construção dos saberes acerca do mundo, e sendo, a partir delas, outros saberes construídos de maneira cíclica. Sendo assim, as diferentes narrativas se tornam essenciais elementos de análise por conferirem legitimidade e reividirem socialmente o

espaço a qual elas pertencem, fazendo com que seja possível uma reflexão acerca da força da narrativa no campo midiático. O autor ainda cita:

Sob essa ótica, vemos a narrativa como uma forma de representação coletiva, como um elemento que cria e recria sociabilidades, como práticas comunicativas sociais que definitivamente contribuem, na sociedade midiaticizada, para o alargamento dos horizontes de experiência. E nesse aspecto, é fundamental que as pesquisas no campo do jornalismo estejam também atentas às formas de narrar o mundo. Não exclusivamente ao conteúdo das mensagens que passa, mas, principalmente, às dimensões éticas e estéticas que, da perspectiva das mediações, reposicionam os campos e os atores sociais, oferecendo a eles possibilidade de existência. (RESENDE, 2005, p. 163).

Baseando-se nos conceitos de Benjamin (1985 apud RESENDE, 2005), Resende reflete sobre a importância de não se ater apenas à função básica de informar para que haja contribuição na construção de narrativas. As narrativas fazem com que os relatos estejam sempre repletos de sentidos, caso contrário, seriam considerados atrofiados, monológicos e tediosos. As narrativas são benéficas para os textos e relatos, mas devem ser constantemente policiadas de maneira que se mantenham fiéis aos acontecimentos cujo relato é desejado. Para Resende:

Em um texto habitado pelo *narrador-jornalista*, o seu criador é liberado da obrigação de revelar qualquer verdade que seja; é o narrador quem observa e conta a história, subtraindo-se da ação narrada (pressuposto máximo da narrativa jornalística), sem ter de enfrentar a empiria implícita do mundo real. Ele é uma estratégia textual, e é no texto que se revela. O jornalista (autor-empírico), que precisa de habilidade para saber cria-lo, faz dele o seu olhar, naturalmente, mas não se faz nele. (RESENDE, 2005, p. 178).

Como visto na discussão proposta pelos autores, o processo da mediação ocorre dentro de uma narrativa. Partindo desse pressuposto, é possível fazer algumas reflexões sobre o poder que determinada narrativa pode assumir sob o relato jornalístico, tendo em vista que ela agrega diferentes valores daqueles que podem ser inicialmente notados em sua primeira observação. Sem a adoção de uma narrativa como elemento mediador do relato jornalístico, a interpretação dos acontecimentos estaria totalmente sujeita ao receptor da mensagem, causando assim, o aparecimento de diversas interpretações diferentes sobre os fatos.

A possibilidade do surgimento de várias interpretações diferentes não seria de interesse tanto para veículo como para a própria mensagem. Um relato sem a presença de uma narrativa ou determinado enquadramento o torna vago da mesma forma que uma pauta muito abrangente e sem o devido direcionamento sobre um tema mais amplo. O veículo de comunicação pode ver a pobreza de um relato como prejudicial tanto no ponto de vista

mercadológico quanto técnico. Um relato muito vago pode ser considerado como ruim pelo público que consome o conteúdo do veículo, diminuindo assim sua audiência ou o número de exemplares vendidos, assim como pode ser prejudicial para transmitir o ponto de vista do veículo sobre determinado assunto.

O processo de construção de narrativa para um determinado relato está diretamente relacionado com a plataforma que será utilizada para sua publicação ou divulgação. Um jornal impresso deve pensar na construção textual como ponto de partida, posicionando possíveis imagens e fontes ao longo do texto que possam colaborar com a transmissão de sua mensagem. Um relato radiofônico deve levar em consideração a possibilidade de transmitir determinada ideia ou sentimento por meio da narração e da voz, pensando também no uso de certas palavras por meio da construção textual. A televisão, além dos elementos já citados, deve levar em consideração vários outros pontos que podem agregar valor à sua narrativa.

Pelo fato de englobar texto, som e imagem, o meio televisivo possui maior amplitude de possibilidades na produção de uma narrativa. Na televisão, pode-se pensar tanto na construção textual das falas de apresentadores e repórteres quanto no tom de suas narrações. Somado a isso, o suporte de imagens e vídeos abre a possibilidade de um campo de cobertura extremamente amplo, em que as opções de narrativa chegam a ser quase infinitas. Quanto maior o número de elementos que podem ser utilizados para moldar uma narrativa, mais forte ela se torna aos olhos do público, nesse caso os telespectadores.

Como dito anteriormente, as narrativas mais poderosas são as de maior interesse tanto para os veículos de comunicação quanto para o público que os consome. Partindo desse pressuposto, pode-se refletir sobre qual seria a linha divisória entre uma narrativa contundente que atrairia o interesse do público para determinado relato e a construção de uma nova realidade a partir da mediação gerada por essa narrativa no público.

3.1.1 As narrativas televisivas

A construção de uma realidade por meio das narrativas e da mediação é tema de reflexão para François Jost (2009). Utilizando conceitos do campo filosófico e antropológico, o autor debate sobre como o conceito de “realidade” é variável e pode ser facilmente manipulado. Na televisão, meio midiático utilizado como objeto empírico em seu artigo, a realidade pode ser alterada por meio de narrativas, imagens e enquadramentos para que a percepção do interlocutor seja desviada para o ponto desejado pelo enunciador. As promessas de restituição, testemunho e reconstituição são utilizadas para ilustrar como a presença de um

elemento mediador (como uma narração ou o destaque de certa parte da imagem) pode alterar o entendimento do público acerca de determinado acontecimento.

Segundo Jost (2009), a promessa de restituição é caracterizada pelo fato do enunciador construído ser a própria realidade. O autor usa como exemplo a atuação de câmeras de segurança e câmeras escondidas como exemplos de imagens que não necessitam de comentários externos para serem explicadas, sendo, assim, determinante para a construção da realidade de determinado relato:

Esta anulação do olhar aparece, no meio profissional, como o máximo da objetividade, visto que a câmera toma, sozinha, as imagens e que as pessoas filmadas não sabem que são filmadas. O que vale esta promessa de realidade? Ou, para não dizer as coisas de outra forma, o que a realidade se torna neste caso? Uma simples aparência. Um fenômeno. Uma redução ao visível. (JOST, 2009, p. 22).

A promessa de testemunho se diferencia da restituição ao, em vez de pretender à objetividade e indicialidade pura de uma câmera que capta o acontecimento do modo exato em que o mesmo acontece, apresenta o testemunho como forma de força argumentativa. O autor exemplifica essa promessa com a presença de um jornalista como testemunha ocular de determinado acontecimento, relatando o que viu e tendo a credibilidade de quem pode acompanhar o acontecimento no momento em que ele se dava. No testemunho a sinceridade da memória que registrou os fatos é que funda a realidade de um acontecimento.

A reconstituição, por sua vez, pertence ao universo das provas jornalísticas. Telejornais e programas televisivos frequentemente recorrem à reconstituição para reestruturar determinada causalidade, facilitando assim a compreensão do telespectador. A principal característica que a difere das demais promessas é a de explicar os fatos por meio de um encadeamento, facilitando assim a identificação de uma causalidade em um acontecimento que se produziu.

Tendo como ponto de partida a reflexão de Jost (2009), pode-se perceber como as promessas de restituição, testemunho e reconstituição podem ser utilizadas para alterar o entendimento do público sobre determinado acontecimento. As imagens captadas por uma câmera escondida, caso tratadas como imagens que falam por si só, podem ser exibidas fora de contexto para que causem uma reação diferente em seu receptor do que se fossem previamente contextualizadas. No caso do testemunho, a força argumentativa obtida pelo interlocutor que afirma ter “estado lá” ou acompanhado os fatos no momento em que aconteciam enfraquecem qualquer tipo de reflexão sobre eles, sendo tratados como um tipo de verdade incontestável. A reconstituição, assim como visto no decorrer da discussão sobre o

poder das narrativas, pode ser adaptada para que o relato adquira um significado diferente do inicial a partir do momento em que permite a atribuição de uma causalidade ao acontecimento.

Levando em consideração os fatores abordados até então por Jost (2009), pode-se apontar que suas promessas contribuem para o processo de mediação exercido por determinada narrativa. Para Bruno Souza Leal (2009), estes elementos mediadores de um discurso são escolhidos de acordo com a necessidade de reforçar a narrativa de determinado veículo. Segundo o autor, nem mesmo os personagens de uma matéria estão dissociados da linha editorial de um telejornal:

(...) as personagens têm pouca força, pois servem à necessidade da narrativa: elas contribuem para confirmar o que o telejornal afirma sobre o mundo. A complexidade e a singularidade dos indivíduos são, então, apagadas pelo lugar ou papel social que passam a representar na narrativa. (LEAL, 2009, p. 96-97).

A construção de narrativas de um telejornal e a conseqüente mediação exercida por ele pode ser explicada, de acordo com Leal, pela operação de “enquadramento do mundo” (LEAL, 2009, p. 93-94). Partindo da explicação de Quéré (2005) sobre o acontecimento, o autor reflete sobre como a mídia atua na identificação e exploração de acontecimentos e como agentes de debate em relação aos mesmos. Para Leal (2009), o enquadramento dos acontecimentos na linha editorial de um telejornal é capaz de fazer emergir novas articulações sobre eles, sendo as notícias acontecimentos para seus receptores.

Baseando-se nas ideias de Mouillaud (2002 apud LEAL, 2009) e Stam (1985 apud LEAL, 2009), o autor amplia a discussão sobre o enquadramento dos acontecimentos acrescentando elementos como a presença dos personagens numa construção de narrativa. Como até mesmo os personagens são pensados levando em consideração a linha editorial do telejornal, sua presença pode contribuir em uma estratégia de singularização que busca tornar o relato mais acessível ao telespectador, fazendo com que ele se identifique com o que está sendo narrado e, assim, se envolva cada vez mais com a narrativa construída.

A relação entre as ideias de Leal, Mouillaud e Stam nos permite concluir que as estratégias narrativas são pensadas pelo telejornal com o intuito de estabelecer um vínculo entre telejornal e telespectador, aproximando-o da narrativa e dos ideais ou informações disseminados por ela. A realidade televisiva é, dessa maneira, estabelecida: a aproximação entre espectador, repórter, personagem e narrativa cria laços de identificação que os permitem que vivam em um mundo comum criado a partir desse processo.

O tema também é abordado por Iluska Coutinho (2009), que reforça o argumento de que cada veículo transmite sua própria visão de mundo através de suas narrativas:

É preciso compreender que os noticiários televisivos apresentam a cada edição não uma janela que permita visualizar o mundo, mas constroem por meio de textos, sons e imagens o mundo por meio de sua janela particular, o que envolve desde as características intrínsecas ao meio, até diretrizes relativas à política editorial da emissora responsável pela produção/veiculação do telejornal. (COUTINHO, 2009, p.107).

Segundo a autora, os discursos e narrativas adotadas pelos profissionais da mídia brasileira estariam, de certa forma, internalizados na própria mídia, dificultando uma autoanálise sobre o papel da mesma na sociedade e seu cumprimento nos dias de hoje. De acordo com Iluska, é apenas a partir da queda da audiência e consequente perda de verba publicitária que é feita uma reflexão sobre o próprio conteúdo. No ano de 2006, o então presidente da Radiobrás, Eugênio Bucci, falou sobre a relação de soberania do entretenimento sobre o jornalismo. De acordo com Bucci (2006 apud COUTINHO, 2009):

Nos grandes conglomerados da mídia, que se proclamam como “*players*” do negócio do “*entertainment*”, o jornalismo se vê cada vez mais restrito à condição de mero departamento [...] O telejornalismo se abastece do *showbusiness*, em sua dimensão estética, pois foi engolido por essa indústria que lhe é superior. (BUCCI, 2006, p. 15-17 apud COUTINHO, 2009, p. 109-110)

A relação entre entretenimento e jornalismo tratada por Bucci e a dissertação de Coutinho sobre a capacidade da mídia de fazer uma autocrítica quanto ao seu conteúdo podem ser alvo de diversas reflexões sobre o assunto. Levando em consideração a soberania do entretenimento sobre o jornalismo, pode-se notar que várias emissoras, ao verem suas verbas publicitárias caírem juntamente com a audiência, fazem um apelo aos programas de entretenimento para que estes índices melhorem. Muitos programas inicialmente jornalísticos se vêem reféns do entretenimento para atrair maior público e acabam cedendo ao entretenimento à medida que os índices de audiência sobem, deixando de refletir o próprio conteúdo sob uma ótica crítica já que a melhora nos índices mostraria (mesmo que de maneira equivocada) a evolução no seu programa.

O caráter espetacular das coberturas televisivas pode ser, na maioria das vezes, causado por esse tipo de relação. Levando em consideração que o espetáculo é uma forma de atrair maior atenção da audiência, a construção de uma narrativa espetacular atrairia mais facilmente a atenção do público, colocando acima do relato factual e jornalístico um relato espetacular como forma de entretenimento do público.

Além das alternativas de adaptação narrativa citadas acima (e das inúmeras outras que são possíveis no meio televisivo), é imprescindível tratar sobre a maior questão limitadora do meio televisivo: o tempo. Todas as variações possibilitadas pela grande quantidade de elementos a serem explorados pela televisão somam-se à necessidade de incluir intervalos comerciais na programação, tornando, assim, cada segundo no ar precioso tanto para o jornalista que veicula seu conteúdo na TV quanto para os programas de entretenimento que complementam a grade de programação de um canal televisivo.

Coutinho (2009) também trata desta questão da preciosidade do tempo em telejornais e na mídia televisiva no geral, explicitando que os telejornalistas devem se preocupar em redigir, produzir, captar e editar o material cotidiano tendo que organizar sua mensagem de acordo com seu tempo de exibição. No caso de transmissões ao vivo e plantões, o tempo é mais abundante e permite maior tolerância, mas, ao mesmo tempo, menor manipulação do conteúdo que será transmitida. Nesse caso, a relação tempo/contéudo é extremamente ambígua, pois a quantidade abundante de tempo pode limitar o conteúdo tanto de maneira positiva quanto negativa.

Levando tudo isso em consideração, o tempo deve ser tratado como ponto de partida essencial no planejamento de qualquer conteúdo televisivo. No caso do conteúdo jornalístico, podem ser usados exemplos de uma simples reportagem e uma cobertura ao vivo de um grande acontecimento. A reportagem, por ter o tempo como limitador, deve se adequar para transmitir todas as informações necessárias durante aquele período mais curto, podendo assim ser editada para que os erros sejam minimizados ou até cortados da versão que entrará no ar. No caso da cobertura ao vivo, o tempo é tratado como um obstáculo, desconsiderando-o como uma limitação: a cobertura deve ser capaz de manter o interesse da audiência durante um período mais extenso, permitindo assim algumas falhas que não seriam admitidas em um conteúdo previamente pensado e editado.

A necessidade de manter a atenção da audiência está presente até mesmo nas coberturas dos mais impactantes eventos. Sem o tempo como delimitador, uma cobertura ao vivo pode passar mais tempo construindo uma narrativa que contribua na manutenção da audiência. A espetacularização de um acontecimento pode ser percebida neste momento, mas antes é necessário entender o conceito de espetáculo e como ele pode exercer seu poder em determinado público:

3.2 A espetacularização no jornalismo

Como visto anteriormente, a preferência do meio televisivo pelas informações-espetáculo está diretamente ligada com o fator econômico. Tendo em vista que o aumento da audiência causa o aumento da verba publicitária de um determinado veículo, esse veículo vê a necessidade de tornar sua informação mais atraente para o público. Esse processo pode culminar na transformação da informação em algo mais apelativo, sendo a informação-espetáculo o caminho mais fácil para atrair a atenção e retenção do público.

A definição de espetáculo pode ser extremamente ampla. Várias atividades presentes no cotidiano podem ser consideradas como um “espetáculo”, como, por exemplo, apresentações circenses, teatrais, esportivas e até mesmo cerimônias de relativa importância. João Canavilhas (2001) salienta que o espetáculo consiste em dois fatores: a colocação em cena de determinada atividade e de determinado sujeito que a contempla.

Levando em consideração as ideias de Canavilhas, a necessidade da televisão de manter o espectador tem como consequência a espetacularização das notícias. De acordo com o autor, essa espetacularização ocorre quando há o domínio da observação de determinado fato sobre a sua explicação. A procura do espetacular estaria diretamente ligada à natureza da televisão, e alguns elementos seriam utilizados como recurso para que essa espetacularização ocorra no meio televisivo.

A seleção de dramas humanos, a reportagem, a dramatização e os efeitos visuais seriam, de acordo com Canavilhas (2001), os principais elementos de espetacularização de uma narrativa no meio televisivo. A seleção de dramas humanos procura explorar os sentimentos mais básicos do telespectador, fazendo com que ele se identifique com o relato que está sendo mostrado e dessa maneira mantenha sua atenção à ele. A reportagem seria considerada como um recurso que tira vantagem da emoção do repórter no papel de testemunha ocular do acontecimento, sendo possível apenas no momento em que esse acontece. A dramatização se refere ao uso de gestos, rosto e da expressão verbal de repórteres e apresentadores, buscando um tom emocional para sublinhar o que está sendo mostrado na tela. Em relação aos efeitos visuais, todo o esforço de seleção de imagens, de montagem e de pós-produção da peça seria levado em consideração para transmitir determinadas emoções para o público que acompanha o relato.

O uso de imagens e representações colabora para a formação de espetáculos na sociedade, de acordo com Guy Debord (1997). O autor afirma que a acumulação de espetáculos está presente em todas as sociedades nas quais estão presentes as condições modernas de produção, sendo possível notá-la a partir da fusão dessas imagens. Essa fusão

refletiria em uma nova realidade em relação aos aspectos da vida, se tornando um mundo à parte e um objeto de pura contemplação.

Debord sustenta que a formação de espetáculos é o principal produto da sociedade moderna, utilizando-os como mercadoria para disputar a atenção dos sujeitos. De acordo com o autor, a realidade vivida pela sociedade é invadida pela contemplação do espetáculo, sendo possível observar que o ele surge no real da mesma forma que a realidade surge por meio do espetáculo:

Não se pode contrapor abstratamente o espetáculo à atividade social efetiva; este desdobramento está ele próprio desdobrado. O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. (DEBORD, 1997, p.16)

A relação entre realidade e espetáculo também é tratada por Canavilhas (2001), que relaciona a espetacularização da informação com a capacidade que ela tem de oferecer uma imagem do mundo mais completa do que a que o telespectador pode captar no local do acontecimento. A capacidade de um telejornal captar a audiência também pode ser relacionada a isso, tendo em vista que quanto maior a capacidade de oferecer uma realidade mais completa e global, maior a probabilidade deste mesmo noticiário conquistar ou até mesmo reter sua audiência.

A construção dessa imagem e, portanto, da realidade televisiva exige que o conteúdo espetacular, dramático e emocional cumpra alguns requisitos fundamentais para atrair a atenção da audiência. Para Canavilhas (2001), a construção da realidade deve garantir a rápida compreensão do discurso feito por um veículo, fazendo com que o telespectador entenda a mensagem transmitida por meio da mais simples fixação de sentido. Uma linguagem simples e de fácil compreensão também colabora com esse processo, fazendo com que o telespectador se transporte ao local do acontecimento por meio dela.

No aspecto televisivo, como visto na discussão de Canavilhas (2001), o espetáculo se torna a principal forma que a televisão (como meio de produção) encontra de disseminar seu conteúdo (como produto). Para Debord (1997), a relação entre mercadoria e espetáculo está presente na sociedade, partindo do pressuposto de que não há mais separação entre a vida normal e a vida espetacular já que o espetáculo está presente em todas as esferas da sociedade. Dessa forma o espetáculo se torna mercadoria.

Levando em conta a formação do espetáculo para que possa ser utilizado como mercadoria, pode-se analisar que o uso da linguagem espetacular busca estar presente sempre

que possível na vida daqueles que fazem parte da sociedade que se baseia em espetáculos. O espetáculo monopoliza a atenção na passividade da sociedade moderna, tornando-se algo indiscutível para quem o observa:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD, 1997, p. 17).

O monopólio do espetáculo é essencial para que ele se torne mercadoria e principal produção da sociedade moderna. Através desse monopólio, a sociedade altera sua forma de contestar e analisar o espetáculo, tornando-se cada vez mais passiva:

A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculista. No espetáculo da imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo. (DEBORD, 1997, p.18).

A discussão proposta por Debord (1997) que explica, em forma de teoria, a transformação do espetáculo em mercadoria desde o momento inicial da sua produção para que possa ser monopolizado como principal forma de produção da sociedade moderna pode ser exemplificada pelas ideias de Canavilhas (2001). O autor português, ao relacionar o monopólio do espetáculo com a sua apropriação pela mídia televisiva, fala sobre como o acontecimento televisionado se tornou tão comum que os telespectadores criam certa expectativa em vê-lo transformado em espetáculo pela própria mídia.

Para Canavilhas (2001), os acontecimentos são matéria prima compartilhada de todos os canais noticiosos, fazendo assim com que haja a necessidade de diferenciá-los no objetivo de atrair a audiência. Dessa maneira torna-se necessário diferenciar o conteúdo relacionado aos mesmos acontecimentos, abordando outras perspectivas e angulações de um mesmo assunto, tornando mais comum a presença de relatos espetaculares e sensacionalistas que seriam um meio de se atingir o objetivo final.

De acordo com Debord (1997), o monopólio do espetáculo pode ser explicado através da dominação da economia sobre a vida social: a partir do momento em que a vida social começou a buscar a acumulação de resultados econômicos, tendo posses e aparências como demonstração de prestígio, a realização humana sofreu uma degradação. O espetáculo se aproveitou dessa degradação do ser em ter para monopolizar sentidos e narrativas,

convertendo o mundo real em simples imagens que se transformam em seres reais aos olhos da sociedade, com motivações eficientes que caracterizam um comportamento hipnótico.

Ainda segundo o autor, o espetáculo se caracteriza por diferentes mediações que buscam mostrar ao indivíduo um mundo que já não é apreensível, sendo como outros sentidos já foram para os seres humanos no decorrer da história (como a visão e o tato). O espetáculo aparece em toda parte em que há representação independente:

(...) o espetáculo não é identificável ao simples olhar, mesmo combinado com o ouvido. Ele é que escapa à atividade dos homens, à reconsideração e à correção da sua obra. É o contrário do diálogo. Em toda parte onde há representação independente, o espetáculo reconstitui-se. (DEBORD, 1997, p.19).

A antítese entre espetáculo e diálogo é tratada por Debord (1997) como uma relação de poder: sua atuação é comparada a um monólogo, onde há um discurso ininterrupto em que seu discurso é superado apenas por ele mesmo. A relação também pode ser comparada com uma dominação entre homens e classes, onde o espetáculo domina o meio em que vivemos com suas leis.

Os meios de comunicação de massa são instrumentos fundamentais para que o espetáculo possa exercer seu poder sobre os indivíduos. Para Debord (1997):

O espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa” – sua manifestação superficial mais esmagadora – que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conivente ao seu automovimento total. As necessidades sociais da época em que se desenvolvem tais técnicas não podem encontrar satisfação senão pela sua mediação. A administração desta sociedade e de todo o contato entre homens já não podem ser exercidos senão por intermédio deste poder de comunicação instantâneo, e é por isso que tal “comunicação” é essencialmente unilateral; sua concentração se traduz acumulando nas mãos da administração do sistema existente os meios que lhe permitem prosseguir administrando. (p.21-22).

Segundo Debord (1997), é o fato de que o espetáculo tem o poder de fazer suas próprias regras que o torna tão dominante na sociedade moderna. Por ser um poder separado, ele se desenvolve por meio do refinamento da divisão do trabalho e da parcelização dos gestos, fazendo com que todo o sentido crítico da sociedade sobre ele se dissolva através da separação de suas forças.

A relação do espetáculo com o trabalhador é direta: a “libertação do trabalho”, tratada pelo autor como o tempo livre que o trabalhador tem entre suas jornadas de trabalho, não significa realmente uma libertação produtiva, pois o trabalhador continua em um estado de submissão e contemplação aos resultados de sua produção. O espetáculo se aproveita dessa

separação para agir, aproveitando-se do tempo de contemplação do indivíduo e de sua alienação nesse momento para fazer com que ele se reconheça nas imagens dominantes da necessidade e compreender cada vez menos suas próprias necessidades e desejos.

Para Debord, o espetáculo nasce na separação da produção dos indivíduos, exercendo seu poder a partir da ausência de unidade do mundo:

A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno exprime a totalidade dessa perda: a abstração de todo o trabalho particular e a abstração geral da produção do conjunto traduzem-se perfeitamente no espetáculo, cujo modo de ser concreto é justamente a abstração. No espetáculo, uma parte do mundo representa-se perante o mundo, e é-lhe superior. O espetáculo não é mais do que a linguagem comum desta separação. O que une os espectadores não é mais do que uma relação irreversível com o próprio centro que mantém o seu isolamento. O espetáculo reúne o separado, mas reúne-o enquanto separado. (DEBORD, 1997, p. 25).

De acordo com o autor, o espetáculo tomou conta da sociedade da mesma forma que a economia se apoderou da produção das mercadorias ao longo da história: a partir do momento que essa produção deixou de ser algo artesanal e marginal, as condições sociais do grande comércio e da acumulação dos capitais fizeram com que ela se apoderasse da economia como um todo. Assim como o espetáculo dentro da sociedade, a mercadoria se tornou algo independente dentro do sistema econômico.

Para Debord, o espetáculo acontece quando a mercadoria chega à ocupação total da vida social, tendo em vista o momento em que nada mais é visível na sociedade senão ele próprio. Assim como a mercadoria, o espetáculo regula tudo conforme suas próprias leis, sendo capaz de alterar o que é sensível aos olhos da sociedade:

É pelo princípio do fetichismo da mercadoria, a sociedade sendo dominada por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, que o espetáculo se realiza absolutamente. O mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, ao mesmo tempo em que se faz reconhecer como o sensível por excelência. (DEBORD, 1997, p.29).

As reflexões propostas por Debord (1997) e Canavilhas (2001) nos permitem tirar algumas conclusões sobre a presença do espetáculo no meio televisivo. A partir do entendimento de que o espetáculo está enraizado na sociedade moderna, sua análise tende a ser dificultada pelo fato de, muitas vezes, ser portador de uma influência de certo modo implícita nos acontecimentos e em suas repercussões. O que se pode entender é o poder dessa influência, tendo em vista que o espetáculo é capaz de tomar conta até mesmo dos ambientes considerados particulares numa sociedade.

Estando presente na sociedade, o espetáculo também estará presente nas suas produções. É o caso da televisão, que o usa como ferramenta para alcançar tanto a audiência quanto seus objetivos mercadológicos. O meio televisivo está ciente da presença e da importância do espetáculo para a sociedade atual, espetacularizando em diferentes níveis o seu conteúdo para que a audiência que o acompanha se sinta cada vez mais atraída e entretida por ele.

3.2.1 A espetacularização do velório da Chapecoense

O velório das vítimas do voo da Chapecoense pode ser compreendido sob uma ótica espetacular de duas formas distintas: o evento em si a transmissão pelos veículos de imprensa designados para a sua cobertura.

O planejamento do evento foi pensado de maneira similar aos grandes jogos de futebol, onde a torcida geralmente está presente e acompanha o deslocamento do time entre a concentração e o palco da grande decisão. No caso do velório, foi feito um cortejo fúnebre pelas ruas de Chapecó, onde os caixões foram transportados em caminhões de bombeiros abertos, dando ampla visão para o público que observava da calçada. O cortejo tinha como destino final o estádio da Chapecoense, a Arena Condá, onde amigos, familiares e torcedores aguardavam a chegada dos caixões para o início da cerimônia de despedida.

Como em um jogo de futebol, foi permitida a entrada de torcedores que puderam acompanhar o evento da arquibancada entoando, em certos momentos, cânticos e palavras de força como forma de homenagem aos que perderam a vida naquele acidente. A presença desses torcedores contribuiu para que mais relações entre o evento e um jogo de futebol fossem feitas.

Como visto no desenrolar da discussão da primeira parte do capítulo, o espetáculo consiste na junção de dois elementos: uma determinada atividade (nesse caso o velório) se oferecendo a um determinado sujeito que a contempla (nesse caso os torcedores nas arquibancadas e os telespectadores que acompanhavam a cobertura do acontecimento pela televisão). De acordo com Requena (1992 apud CANAVILHAS, 2001), a relação entre espectador e atividade converge no nascimento de diferentes tipos de espetáculo, que podem ser analisados à partir de alguns modelos.

O modelo proposto por Requena (1992 apud CANAVILHAS, 2001) que mais se adequa a um jogo de futebol é chamado de “Modelo Circense”, onde um palco circular e fechado é cercado por espectadores que acompanham o espetáculo de forma equidistante dele.

O fato de o velório ter sido sediado em um estádio de futebol colaborou ainda mais para que essa relação fosse feita, tendo em vista que a presença de torcedores na arquibancada em torno do evento era a mesma de uma partida oficial.

Além do modelo espetacular adotado pelo evento, pode-se relacionar sua cobertura televisiva com as ideias de Canavilhas (2001) sobre a informação-espetáculo e a espetacularização da notícia. A transmissão fez uso de todos os elementos elencados pelo autor que são utilizados como recurso para essa espetacularização: os dramas humanos estavam presentes nos personagens entrevistados e a presença de repórteres como testemunhas oculares do acontecimento colaboraram para atribuir emoções para a cobertura por meio de seus relatos que ajudaram a traduzir seu peso emocional para o público. A veiculação de imagens carregadas de emoção também contribuiu no processo.

A junção de todos os elementos citados nos parágrafos anteriores com o poder de um acontecimento tão impactante naquele contexto contribuíram para sua construção como um espetáculo, trazendo consigo a exploração de uma grande quantidade de sentimentos para a satisfação do público que o envolvia.

4 METODOLOGIA

O aprofundamento teórico sobre os conceitos trabalhados nos capítulos anteriores será usado como base para analisar a cobertura televisiva do velório das vítimas do voo que levava a Chapecoense para disputar a final da Copa Sulamericana de 2016. As transmissões ao vivo realizadas pela Rede Globo, na TV aberta, e pelo SporTV, na TV por assinatura, foram selecionadas como objeto empírico para a análise tendo em vista sua disponibilidade no YouTube. A transmissão da Rede Globo possui 2 horas e 37 minutos da cobertura do acontecimento, enquanto a do SporTV possui 4 horas e 10 minutos.

Mesmo com durações diferentes, ambas as transmissões registram toda a cerimônia de despedida das vítimas, começando desde o momento em que os caixões estão sendo levados em cortejo ao estádio da Chapecoense e fazendo a cobertura completa do evento até a saída dos torcedores da Arena Condá. Os vídeos foram escolhidos por registrarem da maneira mais próxima possível a íntegra das transmissões, permitindo assim que uma maior quantidade de cenas e acontecimentos sejam analisados pelo trabalho.

A Análise de Conteúdo será o principal método utilizado para desvelar as estratégias narrativas presentes nas duas coberturas selecionadas. No jornalismo, a Análise de Conteúdo permite que as estratégias discursivas sejam identificadas, analisadas e compreendidas de forma que se possa observar quais etapas, estratégias comunicativas e narrativas foram utilizadas para que se compreenda como ocorre discursivamente a construção do universo simbólico da notícia, para que seja possível refletir sobre as representações sociais que giram em torno do objeto de investigação.

Weber (1985) classifica a Análise de Conteúdo como “uma metodologia de pesquisa que utiliza um conjunto de procedimentos para produzir inferências válidas de um texto. Essas inferências são sobre emissores, a própria mensagem ou a audiência da mensagem.” (apud BAUER, 2017, p.192). Outros autores, como Krippendorff (1980 apud BAUER, 2017), Holsti (1969 apud BAUER, 2017) e Paisley (1969 apud BAUER, 2017) convergem na ideia de que a Análise de Conteúdo é capaz de produzir inferências sobre determinado texto, fazendo-se o uso do processamento do texto e da aplicação sistemática de regras que permitem identificar características específicas das mensagens.

Para Bauer (2017), a Análise de Conteúdo é capaz de reconstruir as representações nas dimensões sintática e semântica. De acordo com o autor, os procedimentos sintáticos têm como foco os transmissores de sinais e suas inter-relações, enquanto os semânticos direcionam o foco para a relação entre os sinais e seu sentido normal, como os sentidos

denotativos e conotativos de um texto. Sobre as dimensões da Análise de Conteúdo, o autor ainda cita:

A frequência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência. O frequente emprego de uma forma de palavras que não é comum pode identificar um provável autor e determinado vocabulário pode indicar um tipo provável de público. (BAUER, 2017, p. 193).

No campo semântico, Bauer ainda afirma que “A coocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos” (BAUER, 2017, p.193), abrindo, assim, a possibilidade de, por meio da Análise de Conteúdo, apontar sentidos associativos presentes em determinado texto que buscam provocar reações dos receptores sobre determinada mensagem.

Para Gouvêa (2015), a recomposição do acontecimento jornalístico deve ser levada em consideração na análise crítica de uma narrativa:

Tendo em vista que as notícias são fragmentos dispersos e descontínuos dotados de significações parciais, não devemos tomá-las em sua individualidade, mas antes é preciso fazer uma justaposição, conectando-as. O pesquisador deve integrar o conjunto das notícias que compõem o *corpus* do estudo de modo a permitir que a narrativa se desenrole e se complete pela junção de diferentes momentos, de tal forma que a recomposição do acontecimento jornalístico contribua para consolidar o plano da estória. (GOUVÊA, 2015, p. 213)

Levando em consideração as teorias trabalhadas pelos autores até então e as ideias de Gouvêa (2015), propõe-se a seguinte metodologia: inicialmente, será feita uma análise narrativa que inclui o estudo das estratégias comunicativas presentes nas transmissões do velório (onde se aplicará a Análise de Conteúdo), para depois ser feita uma análise tematólogica, buscando interpretar o texto por meio da indicação de padrões narrativos e representações simbólicas implícitas no objeto empírico. Por meio da análise de conteúdo também será possível analisar as estratégias de espetacularização presentes na cobertura e no próprio evento, além da participação dos jornalistas que estiveram encarregados das transmissões.

5 A TRANSMISSÃO DO VELÓRIO COLETIVO

A madrugada do dia 29 de novembro de 2016 trouxe uma triste notícia para o futebol brasileiro: um avião, fretado para levar a equipe da Chapecoense para a disputa da final da Copa Sul-Americana daquele ano, havia caído minutos antes de pousar no Aeroporto José Maria Córdova, em Medellín, na Colômbia, deixando 71 vítimas fatais, em sua grande maioria jogadores, comissão técnica e diretoria do clube catarinense.

Os plantões das grandes emissoras de televisão brasileiras que atravessaram o início daquela terça-feira mostravam o impacto da notícia e a perplexidade dos jornalistas que a relatavam. Um acidente aéreo, por si só, já é uma tragédia que interrompe dezenas de vidas de uma forma violenta e inesperada em qualquer contexto. No mundo do futebol, em que delegações viajam constantemente para participar de diversas competições, o fato se torna ainda mais surpreendente.

A Associação Chapecoense de Futebol, fundada em 1973, se preparava para disputar sua primeira final em uma competição internacional. A equipe do oeste catarinense havia conquistado a simpatia de torcedores de todo o Brasil por suas recentes campanhas nos campeonatos nacionais: sendo a “caçula” da primeira divisão em 2016, a Chape, nome pelo qual a equipe é conhecida carinhosamente por seus torcedores, protagonizou uma ascensão meteórica à elite do futebol brasileiro, subindo da Série D para a Série A em um período de seis anos. O clube foi um expoente do futebol nacional na edição de 2016 da Copa Sulamericana, conquistando classificações dramáticas contra tradicionais equipes do continente. Por toda a história de superação construída nos anos anteriores, era grande a ansiedade e a torcida de uma parte considerável dos brasileiros pelo time em sua primeira decisão internacional.

Durante a manhã daquela terça-feira, a maioria dos canais de televisão interromperam sua programação para atualizar o público sobre as informações, num primeiro momento muito desconstruídas, do que tinha acontecido na Colômbia. Canais esportivos da TV a cabo fizeram o uso de sua grade para transmitir, em forma de plantão, novas informações sobre o acontecimento em seus programas matinais. As transmissões, já emotivas por se tratarem da cobertura de uma tragédia, se tornaram ainda mais propensas a emoções por parte dos apresentadores quando chegaram as informações de que alguns colegas de imprensa também estavam à bordo do avião. No total, 21 profissionais da imprensa embarcaram no voo da Lamia, sendo 8 (oito) deles do Grupo Globo: Guilherme Marques, Guilherme Van der Laars e Ari de Araújo Jr. eram funcionários da TV Globo; Giovane Klein Victória, André Podiacki,

Bruno Mauri da Silva e Djalma Araújo Neto trabalhavam na RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul; além de Laion Espíndola, do GloboEsporte.com.

Após a liberação dos corpos, que seriam trazidos de volta para o Brasil em aviões da Força Aérea Brasileira, foi sediado na Arena Condá, estádio da Chapecoense, um velório para as vítimas que trabalhavam no clube catarinense. O estádio, que possui uma capacidade de 19 mil pessoas nas arquibancadas, teve os portões abertos para que o público pudesse prestar suas últimas homenagens às vítimas. As famílias e amigos dos envolvidos ficaram no gramado, onde os 50 caixões foram colocados embaixo de tendas, enquanto os torcedores acompanhavam as celebrações das arquibancadas. Por causa da grande carga emocional do velório, uma equipe médica de 121 psicólogos, 115 médicos, 121 auxiliares de enfermagem, 68 enfermeiros e 5 (cinco) psiquiatras ficou à disposição dos familiares durante a celebração, que também contou com o aporte médico de ambulâncias para eventuais emergências com o público presente.

O evento foi de intenso apoio popular na cidade de Chapecó, e se contava com a estimativa de que 100 mil pessoas passariam pelas arquibancadas da Arena Condá no decorrer do dia. Nas ruas, era possível ver centenas de pessoas que, mesmo com a forte chuva daquela tarde, acompanhavam o cortejo fúnebre que levava os caixões do aeroporto da cidade para o estádio, em um percurso de cerca de 10 quilômetros de distância. A cobertura midiática acerca do evento também foi intensa, e o velório chegou a ser transmitido ao vivo e em rede nacional pela TV Globo e pelo SporTV. Foi informado durante as transmissões que equipes de imprensa de mais de 20 países também estavam presentes para fazer a cobertura do velório.

A transmissão da Globo foi liderada por Galvão Bueno, principal locutor esportivo da emissora, e contou com a participação de repórteres em diferentes localidades no Brasil. Em Chapecó, os repórteres Eric Faria e Alberto Gaspar estiveram presentes na celebração e relatavam os acontecimentos por meio de passagens e entrevistas, enquanto Elton Novaes, no Rio de Janeiro, acompanhava o velório de Guilherme Marques, Guilherme Van der Laars e Ari de Araújo Jr, todos da TV Globo. A grade de programação da emissora foi alterada no dia do velório, interrompendo a programação dos jornais da hora do almoço.

Nas emissoras esportivas de TV a cabo a cobertura do velório foi comandada integralmente por profissionais da área do esporte. No SporTV, a transmissão tomou conta do programa “Seleção SporTV”, apresentado no estúdio por Marcelo Barreto, e contou com a participação de Jader Rocha (narrador), Paulo César Vasconcellos (comentarista) e Anselmo Caparica (repórter) diretamente do gramado da Arena Condá. Assim como a cobertura da

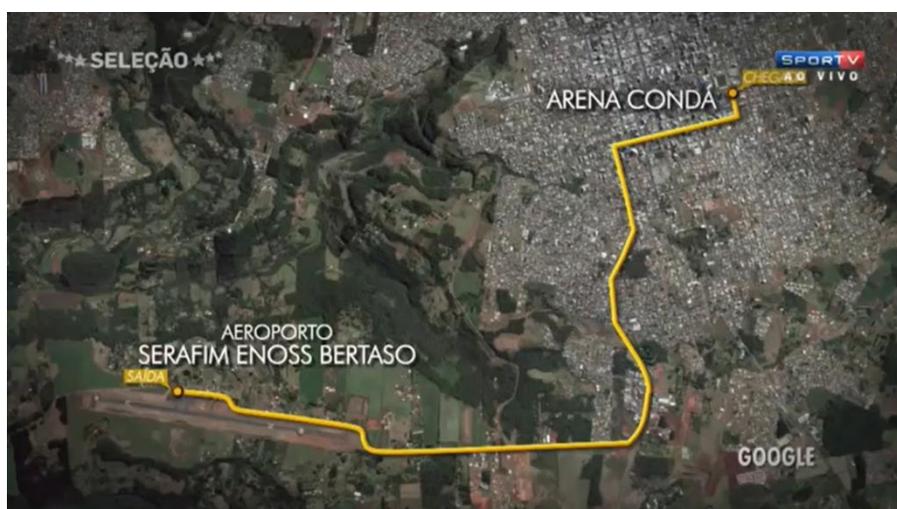
Globo, o SporTV transmitiu desde a chegada dos corpos no aeroporto de Chapecó até o fim da celebração, acrescentando imagens de arquivo de entrevistas feitas ao longo da semana por sua equipe.

A transmissão do SporTV teve início ainda na madrugada de sábado, 3 de dezembro, dia do velório. A equipe da emissora esportiva manteve sua programação ao vivo desde as primeiras horas daquela manhã, transmitindo para os telespectadores as últimas informações sobre o transporte dos corpos e as homenagens que seriam feitas em todo o Brasil às vítimas da queda do avião. Por causa da longa sequência ao vivo e em rede nacional, foram feitas diversas trocas entre apresentadores e comentaristas durante o desenrolar dos acontecimentos em Chapecó. Os jornalistas André Rizek, Lédio Carmona, Sérgio Xavier, Carlos Eduardo Lino, André Loffredo e Luiz Carlos Jr se juntaram aos comentaristas Roger Flores, William Machado, Edinho e Ricardo Rocha como alguns dos profissionais que participaram daquela cobertura.

5.1 O evento

A cerimônia de despedida das 50 vítimas que tiveram os caixões encaminhados para a Arena Condá teve início por volta de 12:30h do sábado, dia 3 de dezembro de 2016. Logo após chegarem ao aeroporto de Chapecó, os caixões foram distribuídos em três caminhões e seguiram em um cortejo com a presença de policiais até o estádio, fazendo um percurso de cerca de 10km. Apenas 16 dos 50 caixões que estavam presentes no gramado da Arena Condá naquela tarde seriam enterrados nas imediações de Chapecó.

FIGURA1 – Trajeto do cortejo fúnebre



Fonte: Reprodução/ SporTV (2016).

Ao chegarem no estádio, os caixões foram encaminhados às tendas no gramado onde estavam as famílias, sendo carregados e recebidos com honras militares. Cada caixão estava envolvido por uma faixa com o nome da vítima para identificação e embrulhado em uma camada de plástico para proteger da forte chuva que caía na cidade desde o início da manhã. A entrada dos caixões foi acompanhada por apresentações musicais da Orquestra Sinfônica de Chapecó.

As homenagens às vítimas começaram logo após a chegada de todos os caixões nas tendas. Além do luto, a cerimônia adotou um forte tom de agradecimento pelos feitos da equipe naquele ano, enfatizando, sempre que possível, a história da Chapecoense e daqueles que participaram da campanha da Copa Sulamericana de 2016. Os hinos da Associação Chapecoense de Futebol e do Brasil foram tocados para que pudessem ter início as homenagens daqueles que estavam presentes no local.

A cerimônia contou com a participação de alguns convidados notáveis por suas relações com a Chapecoense, com o futebol e com a cidade de Chapecó. Ivan Tozzo (vice-presidente da Chapecoense) e Plínio de Nês Filho (presidente do conselho deliberativo) focaram seus depoimentos na história do clube catarinense, prestaram condolências a aqueles que assim como eles foram atingidos diretamente pela tragédia e agradeceram a fraternidade do povo colombiano como um todo por terem colaborado desde os primeiros momentos no resgate de sobreviventes e na identificação das vítimas.

Luciano Buligon (prefeito de Chapecó) vestiu uma camisa do Atlético Nacional de Medellín, adversário da Chape na final, como um sinal de gratidão ao clube e ao povo colombiano. Em seu depoimento, o prefeito focou na relação dos habitantes de Chapecó com a equipe de futebol da cidade, enfatizou a solidariedade e a competência dos colombianos e agradeceu aos médicos que o acompanharam para o apoio aos sobreviventes na Colômbia. Assim como os dirigentes do clube, Buligon citou a história de luta e superação que levou a Chapecoense à disputa do título sul-americano.

Dom Odelir José Magri (bispo de Chapecó) e Cid Moreira (jornalista com vasta carreira como apresentador e locutor) assumiram o fim dos depoimentos, dando foco à parte religiosa do velório. Dom Odelir leu uma mensagem do Papa Francisco destinada às famílias e aos habitantes de Chapecó, enquanto Cid Moreira recitou algumas passagens da Bíblia para os presentes.

Várias personalidades importantes do país e do mundo do futebol marcaram presença na cerimônia: o então presidente da República, Michel Temer; o presidente da FIFA (Federação Internacional de Futebol), Gianni Infantino; o governador de Santa Catarina, João

Raimundo Colombo; o técnico Tite, da seleção brasileira; o embaixador da Colômbia no Brasil e os embaixadores da FIFA e ex-jogadores de futebol Carles Puyol e Clarence Seedorf.

Com o término dos depoimentos, houve a entrada de alguns familiares na faixa central do campo para que fossem feitas mais homenagens às vítimas. As famílias vestiam camisas brancas com o nome daqueles que morreram no acidente e soltaram um balão branco aos céus na medida em que os nomes eram falados pelo mestre de cerimônia. No fim, o mascote mirim da equipe catarinense, que ficou famoso por suas aparições durante as partidas daquela temporada, foi convidado a levar balões ao escudo do time que era exibido no gramado. O ato simbolizou um recomeço para a equipe, reiterando o que foi dito durante a cerimônia de que o time iria se reconstruir com a ajuda da sua torcida e das novas gerações de chapecoenses.

O fim da cerimônia deixou outra imagem marcada na memória dos torcedores que ainda estavam nas arquibancadas da Arena Condá: as famílias, após a retirada dos caixões da parte onde estavam as tendas, deram uma volta pelo gramado para agradecer o carinho dos torcedores que também estavam presentes na despedida de seus entes queridos.

Para que possa ser feita a análise crítica tanto do velório como de sua transmissão, serão destacados alguns elementos capazes de ilustrar os conceitos estudados durante o processo de pesquisa deste trabalho. As categorias selecionadas para análise foram a construção da narrativa, as estratégias de espetacularização e a participação dos jornalistas na transmissão. Relacionando-os com os conceitos de acontecimento, valores-notícia, espetáculo e as discussões sobre a construção de narrativas no meio televisivo, é possível refletir sobre o papel do jornalismo nesse tipo de cobertura e apontar os caminhos que levaram a narrativa dos acontecimentos a uma ótica espetacularizada do acidente.

5.2 A construção da narrativa

Como visto no capítulo 2, as estratégias narrativas no âmbito do jornalismo podem ser usadas na construção de novos sentidos para determinado acontecimento. Através de uma construção de narrativa, o veículo midiático é capaz de transmitir sua visão do acontecimento para o telespectador, agregando diferentes valores ao acontecimento e fazendo com que o público também seja capaz de interpretar aquilo que vê de acordo com o tipo de narrativa que está sendo transmitida.

Levando em consideração as coberturas do velório feitas por Globo e SporTV, pode-se fazer algumas observações sobre como elas contribuíram para a construção de diferentes

narrativas sobre o mesmo acontecimento, tornando assim o fato mais “digerível” e relacionável para o público que o acompanhava.

O ponto de partida da análise da construção de narrativas na transmissão será anterior ao acidente aéreo na Colômbia. Como dito anteriormente, a campanha da Chapecoense na Copa Sulamericana de 2016 era tida como o clímax da história do time, que decidiria seu primeiro título internacional menos de 50 anos após a sua fundação. A Chapecoense, na década de 2010, havia protagonizado uma ascensão meteórica à elite do futebol brasileiro, e o time do interior catarinense colhia os frutos de uma gestão, considerada pela mídia, responsável e vitoriosa.

A construção de narrativas é muito comum no meio esportivo, que busca contar histórias por meio de personagens para fugir da usualidade de um jogo ou competição. O jornalismo esportivo, na necessidade de relatar resultados frios, cria heróis, vilões e histórias de luta e superação para que o público possa se envolver mais com sua narrativa. O esporte, por si só, possui elementos de emoção que contribuem na construção dessas narrativas.

A narrativa adotada para relatar a campanha histórica da Chape vai de encontro à história da equipe: mesmo vindo de um centro não muito vitorioso no futebol nacional e sendo um time do interior do estado, a Chapecoense conseguiu se organizar para se tornar a sensação do futebol brasileiro no cenário internacional no ano de 2016. Debutando na primeira divisão do Campeonato Brasileiro em 2014, era grande a surpresa de jornalistas e torcedores com a evolução da equipe ao longo dos anos. Em 2016, a atenção do principal cenário do futebol nacional se voltou para a equipe catarinense após os triunfos contra grandes adversários, como o Independiente-ARG (maior campeão da Copa Libertadores da América, com sete conquistas), o Junior Barranquilla-COL (com participações frequentes na maior competição do continente) e o San Lorenzo-ARG (que foi campeão da Copa Libertadores em 2014). A cada classificação da equipe, os jogadores ganhavam mais notoriedade na imprensa, o que resultou em algumas matérias que ressaltavam a origem humilde deles e o insucesso em outros times brasileiros para que, na Chape, pudessem encontrar seu futebol vencedor e o melhor momento de suas carreiras.

Acompanhando o time durante sua surpreendente campanha, essa narrativa foi capaz de causar uma identificação entre boa parte dos torcedores brasileiros e a Associação Chapecoense de Futebol. Muitas vezes, no meio esportivo, as equipes de menor expressão atraem a simpatia dos torcedores de outros círculos (neste caso de fora de Santa Catarina), o que as identifica com certo grau de heroísmo em uma narrativa de bem contra o mal, fraco contra forte, algo similar a um “Davi e Golias” do esporte. Unindo-se isso às estratégias

narrativas intrínsecas do meio esportivo nasceu um forte sentimento de identificação entre a Chapecoense e os torcedores brasileiros.

Analisando tanto o contexto anterior quanto o posterior ao acidente, pode-se notar que essa narrativa se manteve mesmo com o trágico fim da epopeia da Chapecoense pelos gramados da América do Sul. A história da aventura precisava de uma conclusão, que seria muito mais trágica do que qualquer goleada sofrida frente ao poderoso Atlético Nacional de Medellín.

Tendo como objeto de análise as transmissões do velório feitas pela TV Globo e pelo SporTV, é possível observar a presença de diferentes narrativas adotadas pelos jornalistas que participaram das coberturas para transmitir aos telespectadores toda a emoção e os sentimentos que envolviam aquela tarde chuvosa de Chapecó. O uso de algumas analogias, expressões e a repetição de certas palavras são fundamentais para que essas estratégias narrativas sejam observadas.

Os conceitos trabalhados por Gouvêa (2015) e Resende (2005) sobre mediação ilustram bem a relação entre uma narrativa e o modo com que ela é interpretada por seus receptores. Os autores convergem na ideia de que as notícias, por meio de suas narrativas, são capazes de criar novos sentidos e atuarem como estruturadoras da realidade. As coberturas do velório analisadas ilustram bem a dissertação deles sobre a mediação, tendo em vista que as narrativas que giravam em torno daquele acontecimento ajudaram a moldar uma percepção coletiva que, de fato, a instituição Chapecoense e seus jogadores representavam uma história de superação e mereciam todo o apoio que vinham recebendo dos torcedores brasileiros, tornando ainda mais trágica e dolorosa a perda de suas vidas.

Relacionando as analogias, falas e expressões utilizadas durante a cobertura com os conceitos de narrativas jornalísticas e mediação tratados anteriormente, é possível perceber quais versões diferentes do mesmo acontecimento foram contadas durante as transmissões de Globo e SporTV.

A seguir, alguns trechos das transmissões foram selecionados por sua capacidade de ilustrar as diferentes narrativas e a mediação presente na cobertura do velório. Serão analisadas narrativas relacionadas ao vínculo da Chapecoense com sua cidade e seus torcedores, ao fortalecimento dos laços entre Brasil e Colômbia por causa do acidente, ao apoio às famílias das vítimas, à imagem humilde do clube e de seus profissionais e ao ufanismo presente naquela tragédia nacional.

5.2.1 O forte vínculo com a cidade e seus habitantes

A primeira das várias narrativas diferentes que puderam ser identificadas nas transmissões gira em torno da relação da cidade de Chapecó com a equipe local. Aliando-se às imagens da recepção do cortejo fúnebre feita pelos torcedores durante o percurso entre o aeroporto da cidade e a Arena Condá, o discurso dos jornalistas que participaram da transmissão focou em mostrar a força do vínculo entre a cidade e sua principal equipe de futebol.

Na transmissão da Globo, os repórteres Ricardo Von Dorff e Alberto Gaspar ficaram encarregados de relatar o desdobramento dos fatos nas ruas de Chapecó. Von Dorff fazia imagens da chegada dos três caminhões que carregavam os caixões nas imediações da Arena Condá, enquanto Gaspar estava posicionado nas arquibancadas do estádio para acompanhar a movimentação dos torcedores que de lá acompanhavam a cerimônia. Em suas participações, os repórteres narraram o que acontecia a suas voltas, enfatizando os momentos emotivos que presenciavam, fazendo o uso de entrevistas com habitantes locais, reforçando assim a narrativa adotada.

As entradas ao vivo de Von Dorff e Gaspar merecem ser destacadas, pois são capazes de ilustrar não só a narrativa que gira em torno da relação entre cidade e time de futebol, mas também a reflexão feita por Leal (2009). De acordo com o autor, os personagens de uma matéria servem à necessidade de uma narrativa, reforçando as ideias que determinado telejornal (ou nesse caso cobertura) afirma sobre aquilo que está cobrindo. Os personagens, então, seriam pensados de acordo com a construção narrativa que está presente naquilo que será veiculado.

No depoimento de um torcedor da Chapecoense que estava presente nas arquibancadas, colhido por Alberto Gaspar, é possível abstrair alguns pontos que confirmam a teoria de Leal sobre a presença de personagens que reforçam determinada construção narrativa: Sr. Clair, como é identificado pelo repórter, é um metalúrgico aposentado que frequentava constantemente os jogos da Chape na Arena Condá. Emocionado desde o começo de seu depoimento, Clair enfatiza toda a trajetória da Chapecoense, que foi acompanhada de perto pelos habitantes da cidade e frequentadores dos jogos do time da casa: “Eu vinha muito aos jogos. Quem agüenta uma pressão dessas? Um time que veio lá de baixo e que em 10 anos está no auge que estava para acontecer uma tragédia dessas”¹.

¹ Entrevista concedida à Rede Globo no dia 03 de dezembro de 2016.

A fala de Clair, combinada com as informações transmitidas por Gaspar sobre sua ocupação e relação com o time são capazes de ilustrar a ideia de que todos os personagens são pensados de acordo com a narrativa da história: trabalhador local, o torcedor acompanhava os jogos da equipe com frequência e esteve presente durante os anos de ascensão da equipe ao principal cenário do futebol nacional. Na transmissão do SporTV, o depoimento do comentarista Roger Flores também pode ser associado a essa teoria sobre a participação dos personagens na narrativa: por suas experiências em Chapecó (como jogador e comentarista), o ex-jogador de futebol destaca o ambiente de união da cidade em torno do time nos dias de jogo, centrando seu argumento em como o fato da cidade do oeste catarinense não ser muito populosa ajuda na aproximação das pessoas em volta da Chapecoense.

Também na transmissão da Globo, o repórter Eric Faria se posicionou dentro do gramado, na área destinada aos profissionais da imprensa que trabalhavam na cobertura do evento. Em sua primeira participação na transmissão, pouco depois da de Gaspar, Eric salienta os fortes laços da cidade com o time. Em seu depoimento:

Realmente é aquele sentimento de orgulho, de ter um time na cidade que em 2009 estava na Série D e foi, em 2016, disputar um título nacional, algo que times grandes demoram às vezes 50, 60, 70 anos para chegar à final de um título sul-americano. (...) É este orgulho de ter um trabalho bem feito, um trabalho profissional e de dedicação que traz todas essas pessoas aqui. Além da despedida dos ídolos eles também tem orgulho de terem feito a Chapecoense ser o que é hoje no cenário do futebol brasileiro.²

A relação entre a torcida e o time também colabora com o aparecimento de outras narrativas que se relacionam com a principal. Em diversos momentos das duas transmissões, os profissionais da Chapecoense que vieram a falecer no acidente são chamados de heróis, em um heroísmo justificado por seu empenho em representar todo o sentimento de uma cidade em busca de um sonho comum, que por seus atos ficarão eternamente na memória daqueles torcedores. Em outra participação de Eric Faria, é possível perceber traços destas duas narrativas se relacionando:

Talvez lá onde os jogadores estejam, onde esses heróis estejam, eles estejam acompanhando toda essa manifestação de amor que esse povo de Chapecó está demonstrando por eles. Lá onde eles estão eles podem ficar orgulhosos do que fizeram aqui, porque mesmo debaixo de toda essa água nenhuma pessoa foi embora. Talvez não haja demonstração maior de amor de uma torcida por um time, por seus ídolos, por seus jogadores, do que essa que está acontecendo aqui neste momento. (...) O que a gente está vendo hoje, o que o Brasil está acompanhando hoje, além de uma cerimônia muito emocionante é uma cerimônia de amor sincero de um povo, de

² Depoimento concedido à Rede Globo no dia 03 de dezembro de 2016.

uma torcida, por um time de futebol e por um grupo de pessoas que honrou com dignidade não só o nome do clube como o nome da cidade de Chapecó.³

Na transmissão do SporTV, o locutor Jader Rocha destaca os sentimentos de dor, tristeza e até mesmo a revolta (pelo fato de, ao longo das investigações sobre a possível causa do acidente, ter sido apontada a negligência do dono da empresa de transporte aéreo e piloto da aeronave com a questão da quantidade de combustível) que faziam parte daquele dia em Chapecó. Mesmo com todo o sentimento de luto que envolvia a cidade nos dias posteriores ao acidente, Jader destaca que até mesmo os chapecoenses que não torciam para o time buscavam ajudar, de alguma forma, os atingidos diretamente por aquela tragédia. A fala do locutor transmite a ideia de um senso de comunidade em Chapecó, que se uniu para lamentar a perda de tantos profissionais que por lá trabalhavam, mostrando outro enquadramento da relação entre cidade e time: o de que a tragédia causou uma união nos moradores da cidade, mesmo aqueles que não tinham envolvimento direto com a equipe de futebol.

5.2.2 *A união Brasil/Colômbia e o apoio às famílias*

Assim como as narrativas anteriormente apresentadas sobre a forte relação entre o time, a torcida e a cidade de Chapecó, outras narrativas que transmitem as ideias de união e solidariedade ganharam notoriedade durante a cobertura da tragédia, trazendo alguns elementos para as transmissões do velório que podem ser destacados e analisados.

A colaboração do povo colombiano, por meio da atuação dos médicos e profissionais de resgate que prestaram socorro aos sobreviventes momentos após a queda do avião e do Atlético Nacional de Medellín, que enviou palavras de conforto e condolências para a Chapecoense assim que soube do acidente, criou uma narrativa de união entre os brasileiros e colombianos que sofriam com a tragédia. Na noite do dia 30 de novembro de 2016, quarta-feira, o clube colombiano e adversário da Chape na decisão da Copa Sulamericana abriu os portões do seu estádio, local onde o jogo seria realizado naquela noite, para sediar uma grande homenagem ao time brasileiro. Dezenas de milhares de colombianos lotaram as arquibancadas e imediações do estádio Atanasio Girardot, trajando camisas brancas e segurando flores para prestar suas condolências ao povo brasileiro e às vítimas da tragédia.

Uma forte narrativa de união entre Brasil e Colômbia repercutiu nos noticiários daquela semana, o que levou alguns elementos ao velório e suas transmissões. No evento, era

³ Depoimento concedido à Rede Globo no dia 03 de dezembro de 2016.

possível ver diversas faixas de agradecimento ao Atlético Nacional e ao povo colombiano distribuídas pelas arquibancadas. No centro do gramado, o símbolo da equipe colombiana estava posicionado ao lado do escudo da Chapecoense, numa simbologia que transmitia o sentimento de união entre os dois clubes. O prefeito de Chapecó, Luciano Buligon, discursou na cerimônia com uma camisa da equipe colombiana e dirigiu palavras de agradecimento a todos os colombianos que participaram ativamente do resgate dos sobreviventes e se sensibilizaram com a tragédia.

Outra narrativa de união presente nas transmissões teve o foco nas famílias das vítimas do acidente. Assim como a relacionada à união entre o povo brasileiro e colombiano simbolizada pela relação entre Chapecoense e Atlético Nacional, a narrativa sobre as famílias das vítimas foi construída ao longo da semana entre o acidente e o velório. Muito foi falado sobre como a profissão do esportista, e, principalmente, do jogador de futebol, depende de muitos treinos e viagens, o que culmina em uma distância física de suas famílias na maior parte do tempo.

Os familiares foram colocados também como vítimas da tragédia, num sentido de perder entes queridos que eram grandes responsáveis pela saúde financeira de suas famílias. Dentre as famílias atingidas, a figura de Ilaídes Padilha, mãe do goleiro Danilo, ganhou destaque por suas aparições na mídia logo após a notícia do acidente. Em uma entrevista cedida ao próprio SporTV no dia anterior ao velório, a mãe do falecido goleiro emocionou grande parte do Brasil e da imprensa ao dar um abraço no repórter Guido Nunes após ser perguntada sobre como se sentia na véspera da celebração, retornando-o uma pergunta sobre como ele se sentia ao ter perdido tantos colegas de profissão no acidente.

FIGURA2 – Ilaídes (mãe do goleiro Danilo) abraça o repórter Guido Nunes em entrevista



Fonte: Reprodução/SporTV (2016)

Ilaídes se tornou uma personagem que representava as famílias aos olhos da mídia, sendo tema de diversos comentários, durante as duas transmissões, sobre o quão exemplar era a força que ela estava transmitindo por meio de seus depoimentos. As falas de Ilaídes serviram como ponto de partida para algumas reflexões das coberturas que podem ser analisadas como construções narrativas em torno do apoio às famílias das vítimas do acidente.

Ricardo Rocha, comentarista do SporTV, destaca, em sua participação na transmissão, a necessidade de que haja um cuidado especial com as famílias daqueles que se foram na queda do avião:

Minha grande preocupação está com essas famílias. A gente sabe que o tempo não cura, ele ameniza, mas é a minha grande preocupação porque o último contato que eles tiveram com esses jogadores foi no jogo com o Palmeiras, porque depois eles embarcaram. Vão chegar aí os corpos mutilados, os caixões não podem ser abertos, eles não vão ver mais (os familiares). E essa é a grande dor de quem perdeu um ente querido. (...) Vamos pensar nessas famílias que vão precisar de muito apoio.⁴

A fala de Ricardo ilustra a narrativa de apoio aos familiares que coexistiu com a de apoio à Chapecoense e a cidade de Chapecó. Em outro momento da transmissão do SporTV as famílias são usadas como exemplo de uma união que, assim como a da população de Chapecó, ajudaria a enfrentar o luto causado por tantas perdas repentinas: o comentarista Paulo César Vasconcellos conta que os laços de amizade e convivência eram tão estreitos que as mulheres dos jogadores tinham um time de futebol feminino, além de algumas famílias terem feito planos para passar as férias juntas no exterior ao fim da temporada esportiva.

5.2.3 *A humildade do clube e de seus jogadores*

O perfil da Associação Chapecoense de Futebol e de seus jogadores foi determinante na criação de uma identificação entre os torcedores brasileiros e a equipe, fazendo com que a tragédia fosse ainda mais lamentada e gerasse tamanha comoção nacional. O fato de a Chapecoense ser um time de pouca expressão no futebol nacional até então nutriu grande simpatia dos torcedores do resto do Brasil pela equipe catarinense, tendo em vista que a pouca participação nas principais competições do futebol brasileiro não foi o suficiente para fomentar uma rivalidade esportiva com os principais clubes das outras regiões do país. A recente ascensão do time também contribuiu para a construção dessa relação, tornando o

⁴ Depoimento concedido ao canal SporTV no dia 03 de dezembro de 2016.

sucesso da Chapecoense no cenário internacional algo pouco usual e que seria interessante para o cenário nacional como um todo.

A identificação dos torcedores brasileiros com a campanha e a história da Chapecoense também se deve ao fato da existência de uma narrativa construída antes mesmo do trágico acidente. Os feitos recentes do clube e a história da vida e da carreira dos jogadores foram pontos cruciais para determinar a força dessa narrativa, que apresentou alguns elementos durante as transmissões analisadas.

Na cerimônia da Arena Condá, os discursos dos membros da diretoria da Chapecoense enfatizaram a história do clube catarinense, pontuando todas as conquistas da equipe no árduo caminho trilhado entre a Série D e a Série A do Campeonato Brasileiro. Jader Rocha, durante a transmissão do SporTV, destaca uma das faixas posicionadas pela torcida na arquibancada que continha agradecimentos a todos os funcionários da equipe, incluindo aqueles que não ganham muito destaque na mídia e durante os jogos. Jader chega a informar que:

O presidente tratava todos de igual pra igual. O roupeiro se sentia tão importante quanto o principal jogador da equipe ou talvez tão importante quanto o presidente para que a Chapecoense pudesse desenvolver este trabalho de excelência que vinha fazendo⁵.

Depois da fala de Jader, o comentarista Paulo César Vasconcellos acrescenta a informação de que a Chapecoense pagava um 14º salário a todos os seus funcionários, reforçando ao telespectador a ideia de que a diretoria da agremiação fazia um trabalho muito positivo para aqueles que lá trabalhavam.

A imagem dos jogadores como trabalhadores humildes também colaborou com o surgimento dessa narrativa. Em diversos momentos de ambas as transmissões foram trazidas histórias da carreira de alguns dos atletas que vieram a falecer no fatídico acidente, transmitindo aos telespectadores a ideia de que eram pessoas de origem humilde, jovens pais de família e atletas que se encontravam no melhor momento esportivo de suas carreiras naquela equipe.

A narrativa da imagem da Associação Chapecoense de Futebol e de seus jogadores se relaciona com as citadas anteriormente em alguns pontos. Sua presença endossa a ideia de uma comunidade repleta de histórias positivas de luta e superação que lamentava a tragédia como um todo. Tendo como foco esse tipo de narrativa, as transmissões do velório foram

⁵Depoimento concedido ao canal SporTV no dia 03 de dezembro de 2016.

capazes de mostrar um recorte daquele acontecimento que se tratava de uma tragédia de grande comoção nacional.

5.2.4 O ufanismo presente em uma tragédia nacional

A identificação dos torcedores brasileiros com a equipe da Chapecoense foi capaz de criar um sentimento patriótico em relação ao time. A ideia de valorizar a campanha de determinado time brasileiro em uma competição internacional já permeia o meio do jornalismo esportivo há algum tempo, mas encontra certas barreiras quando o público não é capaz de se identificar com o clube que disputa as fases finais de um torneio sul-americano. Como dito anteriormente, em certos casos, alguns clubes de maior expressão no futebol nacional encontram um grau de resistência dos torcedores de outras regiões do país, deixando assim de conquistar o apoio popular que fortalece a narrativa de determinada equipe representar o Brasil e seu povo no cenário internacional.

A narrativa ufanista presente no velório foi, assim como as citadas anteriormente, construída desde as primeiras classificações da Chapecoense na fase eliminatória da Copa Sulamericana. A imagem da equipe como representante do país no cenário internacional trouxe ainda mais comoção ao público quando o acidente foi noticiado, sendo capaz de atingir até mesmo as esferas da população que não estão relacionadas com o meio esportivo.

A ideia de uma tragédia nacional pode ser percebida no velório realizado na Arena Condá ao analisarmos a presença de alguns convidados. Figuras importantes do cenário político marcaram presença, como o então presidente Michel Temer e o governador de Santa Catarina, João Raimundo Colombo. O futebol nacional, por meio da Confederação Brasileira de Futebol, também prestou suas condolências por meio de seus representantes: Marco Polo Del Nero, presidente da CBF, e o técnico Tite, da seleção brasileira. A presença de alguns embaixadores da FIFA como Gianni Infantino, Carles Puyol e Clarence Seedorf também transmitiu a ideia de uma tragédia a ser lamentada por todo o cenário do futebol internacional.

Algumas passagens das transmissões analisadas ajudam a perceber a presença de uma narrativa que tratava a Chapecoense como representante do Brasil no exterior, fazendo com que seu sucesso engrandecesse a imagem do país no cenário internacional. Os trechos que reforçam o acidente como uma tragédia de proporções nacionais são essenciais para que se possa apontar a presença dessas narrativas.

Na transmissão da Globo, o narrador Galvão Bueno cita a morte de Ayrton Senna para explicar o sentimento de fazer uma cobertura tão impactante. O acidente que levou à morte de

Senna, também tratado como grande tragédia nacional, foi transmitido ao vivo pelo locutor, que a comparou com a cobertura que estava fazendo naquele dia: “Eu fui obrigado por essas coisas da vida a narrar a morte daquele que tenha sido talvez meu melhor amigo, Ayrton Senna. Foi uma comoção nacional, claro, e agora já me achava meio ‘imune’ a essa espécie de sentimento. Mas é absolutamente impossível⁶.”

Carlos Eduardo Lino, do SporTV, faz uma analogia com os nomes das ruas de Chapecó que ilustra o sentimento de luto que envolvia o Brasil naquela transmissão. Narrando o percurso que o cortejo fúnebre percorreria do aeroporto à Arena Condá, o comentarista cita:

São 10 quilômetros e aproximadamente metade disso a gente vai passar por esse tipo de região, por propriedades agrícolas. Logo estaremos no bairro Santo Antônio, e o curioso da entrada do bairro Santo Antônio é que o cortejo vai passar próximo das ruas Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Recife. É como se passasse diante do Brasil.⁷

A fala de Lino ilustra o sentimento proposto pela narrativa de uma tragédia nacional, dando a entender que o Brasil inteiro acompanhava o trajeto daquele cortejo, lamentando as vidas perdidas no trágico acidente e prestando as condolências a aqueles que vieram a falecer. O depoimento de Galvão remete à maior tragédia de comoção nacional do cenário esportivo nacional até então, fortalecendo também aos olhos do público uma narrativa que pregava o gigantesco impacto daquele acidente em toda a nação.

Todas as narrativas apresentadas no capítulo até então nos ajudam a compreender como a mesma história pode ser contada por diferentes enquadramentos, focando em alguns elementos de criação de significado que transmitem o mesmo aos espectadores, que por sua vez se sentem mais afetados pelo acontecimento. Com essa identificação, que é facilitada pela presença de personagens e analogias, é mais comum que esses espectadores se sintam envolvidos na história e nutram maior interesse em acompanhar todos os seus desdobramentos.

A partir do crescimento desse interesse do público em consumir um produto midiático (nesse caso as transmissões), pode-se notar outras estratégias além das narrativas que colaboram para que esse interesse se concretize em maior audiência e repercussão do mesmo.

5.3 As estratégias de espetacularização

⁶ Depoimento concedido à Rede Globo no dia 03 de dezembro de 2016.

⁷ Depoimento concedido ao canal SporTV no dia 03 de dezembro de 2016.

Como visto na discussão proposta no final do capítulo 2, tanto o velório quanto sua cobertura apresentaram elementos espetaculares. O evento adotou o modelo de espetáculo circense, de acordo com a sistematização de Requena (1992 apud CANAVILHAS, 2001), o que o torna bem próximo de uma partida oficial de futebol. A cobertura televisiva vai de encontro às ideias de Canavilhas sobre informação-espetáculo, trazendo à notícia testemunhas oculares (como os repórteres) e dramas humanos que transmitiam ao público a carga emocional do acontecimento.

Tais elementos são perceptíveis desde o início da cerimônia: logo após a chegada dos caminhões, os caixões são levados às tendas onde estão as famílias ao som de músicas tocadas pela Orquestra Sinfônica de Chapecó. É possível perceber a participação do público pela primeira vez neste momento, aplaudindo a chegada de cada um dos caixões ao estádio e entoando cânticos como “o campeão voltou”. As ações do público nas arquibancadas são repercutidas tanto pelos locutores quanto pelos repórteres das transmissões, que participam da cobertura como testemunhas oculares acrescentando informações do que acontecia enquanto a transmissão acompanhava outros focos da cerimônia. Em algumas oportunidades os repórteres salientam que a participação do público foi respeitosa, tendo em vista que mantiveram em silêncio durante os depoimentos e respeitaram, durante a maior parte do velório, o momento íntimo das famílias das vítimas.

Para Canavilhas (2001), além dos elementos citados acima, pode-se destacar a utilização de efeitos visuais e de uma dramatização para que haja a espetacularização de determinada notícia. De acordo com o autor, a televisão busca prender o espectador dando prioridade a elementos espetaculares, tendo em vista que a procura do espetacular está diretamente ligada à natureza do meio televisivo.

FIGURA3 – Emocionados, familiares se reúnem em volta de um caixão no velório da Arena Condá



Fonte: Reprodução/TV Globo (2016)

Levando em consideração os efeitos visuais presentes na cobertura que permitem apontar certo grau de espetacularização, destaca-se o uso da imagem das famílias e dos torcedores presentes no velório. Em diversos momentos da transmissão é possível perceber a aproximação da imagem nas feições de torcedores e familiares, que em sua grande maioria estão com expressões faciais de choro, perplexidade e sofrimento. Na transmissão da Globo foi possível perceber que uma câmera foi posicionada junto ao topo de uma das tendas, registrando a todo momento o que acontecia com os familiares e amigos em volta dos caixões que lá estavam posicionados.

FIGURA4 – Setor do gramado do estádio onde foram colocados os caixões



Fonte: Reprodução/TV Globo (2016)

A cobertura do SporTV pode ser destacada tendo como referência a discussão proposta por Canavilhas (2001) relacionada à dramatização. Os locutores e comentaristas da emissora fazem uso de analogias em diversos momentos da transmissão, criando sentidos, simbolismos e narrativas dramáticas em torno dos acontecimentos que envolviam o velório. Em determinado momento da cobertura, o apresentador André Rizek se desculpa pelos ruídos na transmissão causados pelos pingos de chuva nos microfones, dizendo que prefere retratar a chuva como “o céu chorando a perda de tanta gente querida”.

A questão da dramaticidade presente na cobertura pode ser analisada em outro depoimento de Rizek, que faz uma relação simbólica entre as imagens mostradas pelo SporTV e o sentimento que envolvia aquela cerimônia:

O estado do gramado, encharcado, dá conta da quantidade de água que cai na Arena Condá neste momento. O que é uma simbologia desse dia, para aumentar ainda mais o nosso sentimento com tanta água caindo na Arena Condá: com tanta gente levando os caixões debaixo de água; as pessoas nas ruas de Chapecó acompanhando o cortejo e tomando chuva; as pessoas na arquibancada tomando chuva.⁸

As estratégias de espetacularização estão diretamente relacionadas às estratégias narrativas tratadas anteriormente neste capítulo. As narrativas espetacularizadas são capazes de atribuir novos sentidos a um acontecimento, e a televisão é o meio ideal para que essas narrativas sejam veiculadas e consumidas pelo público que as assiste. A relação da notícia com o espetáculo proposta por Canavilhas fica clara à medida que essas narrativas são analisadas, mostrando o tamanho de sua influência no modo em que o público se relaciona com elas.

No caso do jornalismo televisivo, os telespectadores não são o único público permeado pela força dessas narrativas. Os jornalistas que participam de tais coberturas também se relacionam com as mesmas, desempenhando um papel tanto de receptor quanto de emissor das narrativas. A espetacularização no jornalismo, que se aproveita da dramatização de discursos e personagens, também atinge aqueles que estão trabalhando nas coberturas.

5.4 A participação dos jornalistas na cobertura

A análise da atuação dos jornalistas na cobertura pode ser feita com duas óticas diferentes: da transmissão em si, tendo em vista todos os desafios e especificidades de uma

⁸ Depoimento concedido ao canal SporTV no dia 03 de dezembro de 2016.

grande cobertura ao vivo, e dos profissionais de imprensa que indicavam através dos seus discursos todos os sentimentos que envolviam a mesma.

Levando em consideração as especificidades de uma transmissão ao vivo, podem ser feitos alguns paralelos entre as coberturas analisadas e as teorias de Coutinho (2009). A articulação da autora propõe que, no caso de uma cobertura ao vivo, o tempo não seja um limitante, como em uma reportagem de um telejornal. Nas transmissões analisadas, é possível notar que a ausência do tempo como limitante da produção (tendo em vista a grande quantidade de minutos que ficaram no ar) permitiu que existissem algumas repetições e momentos de silêncio.

A extensão da cobertura também permitiu a participação de muitos comentaristas e repórteres, que acrescentaram suas opiniões e vivências à narrativa. As falas dos jornalistas durante a transmissão ajudam a ilustrar outro ponto que contribuiu para construir o tom emotivo dos profissionais de imprensa durante o velório: além de uma tragédia do mundo do futebol e da nação, acompanhávamos uma tragédia do jornalismo esportivo brasileiro, pois alguns dos passageiros do avião eram jornalistas.

Ambas as transmissões contaram com a presença de uma equipe de reportagem no Rio de Janeiro, onde seriam velados no mesmo dia do evento da Arena Condá alguns dos funcionários do Grupo Globo que também estavam no avião. Na transmissão do SporTV, foi possível ver a presença de outra equipe de reportagem em Florianópolis, passando informações sobre os velórios dos profissionais de imprensa da RBS TV, afiliada da Rede Globo no sul do país.

O fato de tratar também da perda de amigos e colegas de trabalho aumentou ainda mais a carga emocional dos jornalistas que participaram das coberturas, fazendo com que eles se emocionassem em diversos momentos das transmissões e fizessem algumas analogias entre a vida de um profissional da imprensa esportiva e de um jogador de futebol.

Refletindo sobre a inesperada despedida entre os jogadores e suas famílias antes de embarcar no avião que se acidentou, o locutor Luiz Carlos Jr. citou a semelhança entre a vida de um jogador de futebol e de um profissional da imprensa:

Falando de nossos companheiros de imprensa e da nossa realidade, essa também é a nossa vida. A gente se despede, entra num avião, no nosso caso para transmitir um jogo, e a gente espera voltar sempre, né? A ideia sempre é essa. Então as despedidas são sempre um 'daqui a pouco eu volto, amanhã eu volto, daqui a dois dias eu estou de volta'. (...) É o nosso mundo, é a nossa vida.⁹

⁹ Depoimento concedido ao canal SporTV no dia 03 de dezembro de 2016.

André Loffredo, comentarista do SporTV, se emociona ao falar sobre a relação do jornalismo esportivo e da cobertura de uma tragédia tão impactante para todo o país. A fala de Loffredo ilustra o choque de realidades de tal cobertura, tendo em vista que os jornalistas esportivos na maioria das vezes tratam das alegrias do esporte:

É um momento muito doloroso pra gente, e eu fico imaginando como é doloroso para as famílias. Realmente é muito difícil dar continuidade de uma exibição dessas, mostrar algo assim, porque todos nós estamos muito emocionados pensando na dor dos familiares e das pessoas próximas. Nós que tínhamos colegas, alguns mais próximos, alguns amigos, deve ser muito difícil pra quem está lá. (...) Eu nunca imaginei que eu fosse participar de uma cobertura dessas. Eu sempre quis ser jornalista esportivo para transmitir felicidade pras pessoas, eu nunca imaginei que pudesse estar vendo uma coisa dessas.¹⁰

Assim como Loffredo, outros profissionais que participaram das coberturas se emocionaram durante seus depoimentos e chegaram a chorar durante a transmissão. O locutor Jader Rocha reforçou o depoimento de André, dizendo que como jornalista esportivo nunca imaginaria se deparar com uma situação como a vista naquele dia na Arena Condá. Em seguida, Jader vai às lágrimas e se desculpa com os telespectadores, tendo seu raciocínio completado por Paulo César Vasconcellos, que salienta que mesmo em momentos como aquele o papel do jornalista é de servir como uma “ponte” entre o fato e a sociedade.

A participação dos jornalistas na cobertura também pode ser analisada de acordo com as articulações de Leal (2009) sobre a presença de personagens em uma narrativa. Para o autor, os personagens contribuem em uma estratégia que busca tornar o relato mais acessível ao telespectador, transmitindo assim o que um jornal ou emissora pensa em relação a determinado acontecimento. As transmissões analisadas permitem apontar que a participação e o depoimento de cada profissional da imprensa que esteve presente na cobertura serviram para mostrar um diferente ponto de vista em relação à tragédia: os comentaristas que já foram jogadores profissionais de futebol (como Roger Flores e William Machado) acrescentaram suas vivências na carreira, os que já cobriram eventos de grande comoção nacional (como Galvão Bueno) falaram sobre os obstáculos desse tipo de cobertura, e os repórteres (como Eric Faria) analisaram a tragédia sob a ótica de um profissional de imprensa que, assim como as vítimas daquela tragédia, tem em seu cotidiano a distância de familiares e amigos durante o seu trabalho.

¹⁰ Depoimento concedido ao canal SporTV no dia 03 de dezembro de 2016.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do trabalho de pesquisa, foi observado certo grau de espetacularização nas transmissões do velório dos jogadores da Chapecoense. A carga emocional das coberturas, evidenciadas pela participação dos jornalistas e personagens envolvidos nelas, atraíram a atenção dos telespectadores de modo que seu envolvimento com a história se tornasse pessoal. As estratégias narrativas foram elementos essenciais na construção de sentidos que intensificou o envolvimento do público com a tragédia que estava sendo relatada, surgindo assim, a importância de estudar sobre seu papel no âmbito do jornalismo.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo principal analisar as transmissões ao vivo do velório feitas pela Rede Globo e pelo SporTV, que possuíam suas íntegras disponíveis na internet, para que fosse possível investigar as estratégias narrativas e de espetacularização presentes no objeto. Os estudos bibliográficos feitos no processo de produção dessa monografia ajudaram a identificar conceitos relacionados às estratégias narrativas e à espetacularização, que aliados à análise das duas transmissões foram capazes de atender ao objetivo inicial da pesquisa.

Os objetivos específicos deste trabalho também foram alcançados por meio dos estudos bibliográficos e da análise das coberturas selecionadas. O primeiro, que se tratava do aprofundamento dos estudos sobre as narrativas jornalísticas, coberturas ao vivo e coberturas de tragédias na TV foi alcançado no que se relaciona às narrativas, assim como o objetivo de identificar a presença das mesmas nas transmissões analisadas. Os estudos relacionados às coberturas ao vivo e coberturas de tragédias na TV foram complementados por dissertações relacionadas aos conceitos de critérios de noticiabilidade, valores-notícia e acontecimento.

Os demais objetivos específicos, relacionados à identificação dos desafios das coberturas de acontecimentos impactantes e à espetacularização no âmbito do jornalismo televisivo foram alcançados por meio de estudos bibliográficos relacionados aos assuntos. Foram abordados mais aspectos técnicos do jornalismo televisivo que, em conjunto com as teorias sobre a espetacularização, ajudaram a apontar nas transmissões alguns trechos que ilustram a relação entre os dois assuntos.

A pesquisa partiu da hipótese de que houve uma ótica espetacularizada na transmissão do velório, contribuindo assim para a exposição tanto dos personagens envolvidos nas coberturas quanto dos jornalistas que participaram delas. Durante o trabalho, descobriu-se que o espetáculo está presente em todos os âmbitos da sociedade e ganha força no meio televisivo. A análise das coberturas sob a ótica das teorias estudadas durante o trabalho confirmou a

hipótese de que houve a espetacularização daquele acontecimento, sendo o espetáculo algo inerente ao meio midiático.

Confirmada a hipótese, foi possível responder as perguntas iniciais do trabalho. Houve, de fato, uma espetacularização não só do evento como de sua cobertura, o que contribuiu para a exposição dos personagens envolvidos em momentos de fragilidade. O questionamento sobre a ética desse tipo de transmissão continua pertinente, tendo em vista que algo tão enraizado nos meios televisivo e midiático necessita de constantes reflexões para que se busque sempre uma evolução tanto ética quanto no conteúdo produzido e repercutido nesses meios.

A metodologia utilizada para a produção desse trabalho partiu do estudo bibliográfico de alguns conceitos considerados essenciais para a reflexão do tema no campo do jornalismo. Os conceitos estudados permitiram explicar de maneira teórica os principais pontos a serem destacados de acordo com o objetivo inicial, e a análise das transmissões, por meio da análise de conteúdo, foi capaz de apontar a presença deles.

Tendo em vista a metodologia, pode-se observar que houve algumas limitações relacionadas ao conteúdo disponível para análise. A ausência na internet da íntegra das transmissões do mesmo acontecimento feitas por outras emissoras poderia agregar novas discussões ao trabalho, tendo em vista que os enfoques de diferentes emissoras sobre o mesmo assunto poderia agregar muito à discussão feita sobre as narrativas no meio jornalístico e a espetacularização na TV. Com a presença de outros objetos de análise, outras questões poderiam ser debatidas, trazendo assim uma reflexão mais abrangente sobre o assunto.

A pesquisa pode servir como ponto de partida para discussões futuras sobre a ética no jornalismo. O estudo bibliográfico sobre o surgimento das notícias e o modo que a mídia as relata, aliada à análise crítica de alguns produtos midiáticos como o escolhido pelo trabalho, ajuda na compreensão do uso de determinadas estratégias narrativas no meio jornalístico. Pesquisas futuras podem partir dos mesmos questionamentos feitos no início deste trabalho para debater sobre questões éticas do jornalismo, explorando diferentes áreas para que sempre haja uma reflexão acerca do limite ético de determinadas narrativas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jussara Borges. Critérios de noticiabilidade no Brasil e no mundo. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 4, p. 1-32, jul-set./2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5498>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 13. ed. [S.l.]: Editora Vozes, 2017. p. 189-217.
- CANAVILHAS, João. **Televisão: o domínio da informação-espetáculo**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>>. Acesso em: 11 de abril de 2020.
- COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, I. M. M. **Televisão e Realidade**. 1. ed. [S.l.]: EDUFBA, 2009. p. 105-123.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1. ed. [S.l.]: Projeto Periferia, 1997. p. 13-31.
- ESTADÃO. **Quem estava no voo da Chapecoense**. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/esportes/quem-estava-no-voo-da-chapecoense/>. Acesso em: 15 out. 2020.
- FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.
- G1.GLOBO.COM. **Avião com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa mortos**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>. Acesso em: 2 out. 2020.
- G1.GLOBO.COM. **Homenagens marcam velório coletivo de 50 vítimas na Arena Condá**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/homenagens-marcam-velorio-coletivo-de-50-vitimas-na-arena-conda.html>. Acesso em: 2 out. 2020.
- GLOBOESPORTE. **Veja a lista dos 21 jornalistas que estavam no voo da Chapecoense**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/veja-lista-dos-21-jornalistas-que-estavam-no-voo-da-chapecoense.html>. Acesso em: 2 out. 2020.
- GOUVÊA, Gabriella Nunes de. Desvelando as estratégias narrativas das notícias: estudo temático do Jornalismo. In: JORGE, T. D. M. **Notícia em Fragmentos**. 1. ed. [S.l.]: Insular, 2015. p. 205-221.
- JOST, François. O que significa falar de “realidade” para a televisão?. In: GOMES, I. M. M. **Televisão e Realidade**. 1. ed. [S.l.]: EDUFBA, 2009. p. 13-30.
- JÚNIOR, Luiz Carlos. **Cobertura do SporTV do velório da Chapecoense**. Chapecó, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RBh0SFnqPqs>. Acesso em: 10 out. 2020.

LEAL, Bruno Souza. Telejornalismo e autenticação do real: estratégias, espaços e acontecimentos. In: GOMES, I. M. M. **Televisão e Realidade**. 1. ed. [S.l.]: EDUFBA, 2009. p. 91-103.

QUÉRÉ, L. (2005). Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 85-102, jan./2005. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17387>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

YOUTUBE. **#ForçaChape – Homenagens e Cortejo Fúnebre / Tributes and Funeral Procession – Portal Plugado**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RBh0SFnqPqs>. Acesso em: 2 out. 2020.

YOUTUBE. **Galvão Bueno narrando Velório da Chapecoense na Arena Condá #ForçaChape #GraciasColombia**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_K-DsXnxcI&t=388s. Acesso em: 2 out. 2020.